



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CÍNTIA OLIVEIRA FERNANDES

**A PRÁTICA NORTEADORA DAS ESTAGIÁRIAS DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE
DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS.**

Florianópolis
2013

Cíntia Oliveira Fernandes

**A PRÁTICA NORTEADORA DAS ESTAGIÁRIAS DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE
DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Adair Agostinho.

Florianópolis
2013

Cíntia Oliveira Fernandes

**A PRÁTICA NORTEADORA DAS ESTAGIÁRIAS DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE
DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO INFANTIL COM OS BEBÊS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 21 de novembro 2013.

Prof^ª. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Orientadora: Prof^ª. Dra. Kátia Adair Agostinho
CED-UFSC

Membro: Prof^ª. Ma. Roseli Nazário
PPGE-CED-UFSC

Membro: Prof^ª. Ma. Juliana Schumacker Lessa
CED-UFSC

Dedico a todos aqueles que como eu, pensam em uma forma de dar ainda mais visibilidade e qualidade na educação dos bebês. Assim, como a todos que me acompanharam no desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois eu nada seria se eu não tivesse fé.

Aos meus pais, irmãos e minha vó, por não medirem esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida, com muito carinho e apoio em todos os momentos.

Ao meu namorado, Douglas, pelo companheirismo, amizade e apoio. Principalmente por não ter me deixado desistir e me mostrar que eu era capaz. Me ajudando em tudo o que precisei. Essa conquista também é sua. Obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

À professora Eloísa Rocha, por primeiramente me instigar a conhecer ainda mais os bebês durante suas disciplinas e depois por me mostrar caminhos e me confiar um trabalho que também era de sua vontade realizar. E que apesar de não poder me acompanhar até o final desse processo me deixou em ótimas mãos.

À professora Kátia Agostinho, por assumir junto comigo esse trabalho e pela orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta pesquisa.

À todos os professores do curso, que foram de alguma forma importantes na minha vida acadêmica e que contribuíram para tornar esse trabalho possível com seus ensinamentos.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes. Principalmente à Valquíria Silva, Francielle Américo e Bianca Amorim, que dividiram comigo todos os momentos do curso e me colocaram para cima e me deram forças para prosseguir nos momentos mais difíceis.

Por fim, agradeço a meu vô, Aldo. Que foi meu suporte em muitos momentos da minha vida e que infelizmente não está mais aqui fisicamente, porém sempre vivo em meu coração. Onde quer que ele esteja sei que deve estar muito orgulhoso de mim.

FERNANDES, Cíntia Oliveira. **A Prática Norteadora das Estagiárias de Pedagogia: Uma análise do Estágio em Educação Infantil com os bebês.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo verificar quais as práticas que norteiam a ação pedagógica com os bebês entre as estagiárias de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa foi realizada através da análise dos relatórios de estágio de Educação Infantil presentes na UFSC, compreendendo os anos de 1993 à 2013, buscando investigar àqueles que compreendiam a faixa etária de 0 à 2 anos de idade. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo. O estudo evidencia a importância do estágio na formação universitária e vem mostrar as concepções das estagiárias acerca do que é a docência com os bebês, buscando elementos que constituem essa prática. Afirmando as especificidades dos bebês e as especificidades de ser professora de bebês, atentando para uma prática que reconheça o bebê como ator social permeado de relações.

Palavras-chave: educação infantil; estágio; docência; bebês.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	8
1.2 OBJETIVOS.....	8
1.3 JUSTIFICATIVA.....	9
1.4 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....	10
2. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA.....	13
3. FRAGMENTOS DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO	18
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOCÊNCIA COM OS BEBÊS.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS:.....	42
7. ANEXOS:.....	44

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa dos relatórios de estágio do curso de pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina com o foco no trabalho desenvolvido nas turmas de bebês (0 à 2 anos de idade) visa acompanhar o processo de reconhecimento dos bebês como sujeitos sociais e suas conquistas no espaço pedagógico da Educação Infantil.

O interesse pela pesquisa com bebês surgiu a partir das minhas vivências como auxiliar de sala da Prefeitura Municipal de Florianópolis, e por observar que apesar das pesquisas sobre as especificidades com os bebês ainda exista dúvidas das profissionais da Educação Infantil sobre o trabalho pedagógico com essa faixa etária (0 à 2 anos). Essa situação causou-me certa inquietação. Afinal, em que consiste o trabalho pedagógico com os bebês?

Esse interesse aumentou quando no curso de pedagogia, tivemos a disciplina Organização dos processos Educativos na Educação Infantil II, ministrada pelas professoras Eloísa Rocha e Juliana Lessa. Despertando um desejo ainda maior de dar mais visibilidade aos bebês e aprofundar os estudos sobre o trabalho educativo com os mesmos.

Foi na Constituição de 1988 (Art. 208, IV) que vimos pela primeira vez a garantia da educação às crianças de 0 à 6 anos de idade em creches e pré-escolas como dever do Estado. Educação que antes cabia somente à família ou ao grupo social em que a criança encontrava-se inserida. Segundo Buss-Simão e Albuquerque (2012) “*Esse documento, de fato, simboliza a primeira iniciativa de resguardar, ainda que na forma da lei, os direitos das crianças à educação em espaços coletivos.*” (p. 124).

Após a Constituição, outro documento veio assegurar o direito das crianças ao ensino de qualidade, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1996. Nesse documento a educação infantil passa a ser considerada como primeira etapa da educação básica, atendendo em creches e pré-escolas que educam e cuidam das crianças no período diurno, em jornada integral ou parcial.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), este atendimento deve se embasar nos seguintes princípios:

- Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (p. 16).

É desta forma que segundo Rocha (2010),

reafirmamos o reconhecimento da especificidade da educação infantil como primeira etapa da educação básica, cuja função sustenta-se no respeito aos direitos fundamentais das crianças e na garantia de uma formação integral orientada para as diferentes dimensões humanas (linguística, intelectual, expressiva, emocional, corporal, social e cultural) (p.12).

O trabalho educativo com as crianças pequenas deve ter como base os fundamentos que dão sustentação a uma Pedagogia da Infância, a qual exige que se tome “como objeto de preocupação os processos de constituição do conhecimento pelas crianças, como seres humanos concretos e reais, pertencentes a diferentes contextos sociais e culturais, também constitutivos de suas infâncias” (ROCHA, 2010, p. 14). A consolidação de uma Pedagogia da Infância diferencia-se, portanto, pelo seu foco de preocupação: os processos de constituição do conhecimento pelas crianças considerando que neste processo estão envolvidas as diferentes dimensões humanas, como a dimensão linguística, corporal, afetiva, estética, social e cultural. Uma prática fundamentada na Pedagogia da Infância distingue-se também na medida em que considera as crianças como “sujeitos históricos “objetos” da intervenção educativa” e na medida em que busca superar “uma visão homogênea de criança e infância” (ROCHA, 2010, p. 14).

Nesse sentido, essa pesquisa visa compreender as práticas norteadoras das estagiárias de pedagogia com os bebês e como podemos estabelecer uma relação acolhedora junto a eles, enfatizando as interações no contexto da educação infantil, e reconhecendo o lugar do bebê nas relações sociais.

Segundo Rocha e Ostetto (2008), a formação de professores da educação infantil vem sendo repensada em decorrência da necessidade da construção de um projeto que considere as crianças como referência para pensarmos a relação pedagógica.

Desta forma, no curso de pedagogia da UFSC, há uma orientação em que o projeto deverá ter como eixo principal a própria criança e seu processo de constituição como ser humano. Colocando a criança como ponto de partida para a ação educativa.

Destaca-se, portanto, que a criança não deve ser pensada como um vir-a-ser, e sim como sujeito social e de direitos, produtor de cultura. Uma criança que traz consigo desejos, que é capaz de demonstrar suas vontades e necessidades.

Para isso, Rocha e Ostetto (2008) mostram que é preciso que o professor traga consigo uma sensibilidade no olhar, capaz de compreender as diferentes formas de se comunicar da criança e conseguir assim atender suas necessidades. O registro auxilia neste sentido, e possibilita pensarmos em proposições de trabalho com as crianças através de um movimento de ação-reflexão-ação fazendo a junção teoria-prática.

Deste modo, a formação de professores da educação infantil no curso de Pedagogia da UFSC, afirma que o conhecimento na educação infantil se orienta pelos processos gerais do desenvolvimento e aprendizagem da criança, pautados na linguagem, nas interações e no jogo. Esses elementos constituem as bases que nortearão a ação pedagógica na educação infantil.

Para tornar possível um trabalho significativo para e com as crianças é preciso que se estabeleça também um vínculo com a instituição, com o coletivo da creche nos diferentes espaços.

1.1 TEMA E PROBLEMA

A presente pesquisa propõe uma análise das práticas com os bebês, nos anos de 1993 à 2013, no estágio de educação infantil no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do método de análise de conteúdo.

Desta forma, o conteúdo dos relatórios será o objeto de estudo dessa pesquisa, tendo como problematização: Quais as práticas pedagógicas que foram vivenciadas no estágio em educação infantil junto aos bebês?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Este estudo objetiva verificar quais as práticas que vem sendo construídas com os bebês no estágio em educação infantil do curso de Pedagogia da UFSC, durante o período de 1993 à 2013.

1.2.2 Objetivos específicos

Os seguintes objetivos específicos foram propostos:

- Analisar os relatórios de estágio em educação infantil do curso de Pedagogia da UFSC;
- Observar quais as práticas pedagógicas vem sendo realizadas junto aos bebês no estágio em educação infantil do curso de Pedagogia durante o período de 1993 à 2013;
- Identificar nos relatórios as especificidades que demarcam a ação pedagógica das estagiárias junto aos bebês.

1.3 JUSTIFICATIVA

Buscando dar visibilidade à existência de práticas que valorizem e reconheçam o bebê como sujeito de direitos, é que considero esse tema importante a ser pesquisado. Compreendendo que:

as propostas pedagógicas dirigidas aos bebês devem ter como objetivo garantir às crianças acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de diferentes linguagens. É importante ter em vista que o currículo é vivenciado pelas crianças pequenas não apenas através de propostas de atividades dirigidas [...] (BARBOSA, 2010. p. 5).

Nesse sentido, essa pesquisa visa compreender como vem se constituindo a ação pedagógica com os bebês a partir dos estágios em Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina. Autores como Barbosa (2010), Luz (2010), Rocha (2010), Tristão (2004), fundamentam essa pesquisa afirmando a importância da ação pedagógica junto aos bebês e as especificidades desta ação. Reconhecendo o bebê como sujeito social e de direitos, esses mesmos autores vem reconhecendo as inúmeras possibilidades dos bebês.

Assim, com este novo lugar que o bebê vem ocupando, torna-se indispensável pensar uma docência que considere os bebês como agentes na relação social, considerando sua completude e em um trabalho que envolva cuidado e educação. Segundo Luz (2010) é preciso perceber esses momentos como algo importante e realizá-los com a atenção devida. E entender que “o toque, o acolhimento e o afago são aliados do processo de desenvolvimento e são tão educativos quanto a oferta de um brinquedo ou a leitura de uma história” (p.12).

Tristão (2004) nos faz refletir que quanto menores as crianças são, mais se destaca o caráter de cuidado no atendimento, são atos muitas vezes desvalorizados, feitos de modo automatizados, mas que são muito importantes no dia-a-dia da creche. Desta forma “*os cuidados com higiene, alimentação, sono, proteção, amparo, aconchego e acalanto podem ser ricos momentos de trocas afetivas, inserção social, estimulação; no entanto, nem sempre são assim aproveitados*” (p.158).

A autora ainda destaca que a base para esse cuidado, refere-se ao respeito que se tem à criança, como um ser especial. Nesta mesma perspectiva, Tristão (2004) vem dar visibilidade ao olhar sensível que o professor de educação infantil deve ter com as crianças. A chamada “sutileza”, que segundo a autora:

denotam a capacidade da professora de perceber as crianças e agir de forma a contemplar as necessidades dos pequenos. Essa sutileza está presente em atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, mas que revelam a importância

do trabalho docente com bebês. Virar uma criança, colocá-la mais perto do grupo, perceber seus sinais corporais, prestar atenção na temperatura ambiente para deixá-la com uma roupa confortável, cobri-la em um dia de frio e outras tantas ações podem fazer a diferença entre a atenção, característica de uma prática humanizadora, plena de significados e o descaso, característico das práticas desumanizadoras, para cada um daqueles meninos e meninas. (p.135).

É desta forma, que devemos estar atentas às manifestações das crianças, e ter claro que o trabalho pedagógico com as crianças pequenas permeia as situações de cuidado e educação. E muitas vezes não é visível para as outras pessoas que esperam sempre algo concreto das crianças para se caracterizar “trabalho pedagógico”.

O trabalho com bebês “não aparece” dentro da creche, as crianças não “produzem” concretamente nada. Grande parte do tempo em um berçário é dedicado às atividades rotineiras, de chegada, de alimentação, de troca, de banho e de descanso, que, com frequência, não recebem a atenção das professoras, não sendo assim refletidas e avaliadas. No imaginário das profissionais da educação e mesmo em nível de senso comum, há a noção de que deve haver a produção de algo para estar caracterizado um processo educativo, bem em acordo com a noção da sociedade capitalista na qual vivemos, que valoriza os resultados como lógica estruturante (TRISTÃO, 2004, p.140).

Assim, segundo Barbosa (2010), o atendimento a essas crianças nem sempre será voltado à atividades dirigidas,

[...] mas principalmente através da imersão em experiência com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma narrativa de vida, bem como na interação com diferentes linguagens, em situações contextualizadas, adquirindo, assim, o progressivo domínio das linguagens gestuais, verbais, plásticas, dramáticas, musicais e outras e suas formas específicas de expressão, de comunicação, de produção humana (p.5).

1.4 ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem um caráter qualitativo. Segundo Silva (2005):

a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a

analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA, 2005, p.20).

Neste sentido, busco realizar uma pesquisa através de Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (1979) é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p.42).

Desta forma, pretendo analisar os relatórios de Estágio em Educação Infantil do curso de pedagogia, a fim de coletar os dados necessários para a elaboração dessa pesquisa. Buscando identificar as especificidades da ação pedagógica junto aos bebês pelas estagiárias de pedagogia, observando quais as práticas que vem sendo realizadas nos estágios da área 1993 à 2013.

O primeiro passo para a elaboração desta pesquisa teve início com um levantamento de todo material de estágio pertencente ao curso de Pedagogia da UFSC. No primeiro momento me assustei com a quantidade de material que havia e com a desorganização da sala, que estava sofrendo algumas mudanças. Mas, começando a mexer, percebi que não eram só relatórios da pedagogia como eu imaginava e sim de todas as licenciaturas. Havia relatórios de geografia, filosofia, matemática, letras etc.

Esses materiais, segundo a bolsista da Coordenação de Estágios, estavam enfileirados pelo tema, havia uma pilha de determinado assunto amarrado com barbantes. Mas, ao longo da busca, encontrei alguns materiais de outros assuntos junto com os da educação infantil. Acredito que seria possível conseguir mais algum material no meio desses outros relatórios, mas seria inviável abrir pilha por pilha para averiguar. Destaco aqui a necessidade de maior atenção à preservação desses materiais, atribuindo sua importância para a memória/história dos estágios realizados. O armazenamento desses materiais tem se constituído em um problema para as Universidades, de modo geral, por conta da falta de espaço físico ou de profissionais que possam melhor organizá-los. Todo material encontrado foi registrado através de tabela, presentes ao longo do trabalho.

Ao todo foram encontrados 163 relatórios, dos quais 118 haviam sido separados pelas estagiárias do NUVIC para uma relação dos mesmos por eixos temáticos, que se somaram aos 45 relatórios encontrados por mim. Do total dos 163 documentos não consegui encontrar o que precisava para o TCC, tendo que começar do zero e fazer a relação de cada um deles com a seguinte orientação: Ano; Fase do Curso; Título; Autores; Orientador (a); Local da realização do estágio; grupo (denominação) e idade das crianças. Foram então registrados 146, pois haviam

alguns repetidos e outros ainda de outra ordem. Deste material encontrei 36 da faixa etária específica da minha pesquisa (0-2 anos), sendo destes escolhidos cerca de 30 % para análise. Ficando assim, com 10 relatórios para análise.

Alguns estavam bem difíceis de achar os dados. Por isso demorei tanto tempo para conseguir achar todos os dados que precisava para esse primeiro levantamento, cerca de 1 mês, indo 1 vez na semana e permanecendo cerca de 4 a 5 horas registrando. Uns não apresentavam nomes de orientador, mês de conclusão, denominação dos grupos, idade das crianças, entre outras informações.

2. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Para pensarmos o trabalho pedagógico com os bebês é fundamental que primeiro possamos reconhecer esse bebê e suas especificidades. De acordo com Barbosa (2010):

Durante muitos anos os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Porém, nos últimos tempos, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. [...] aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar (BARBOSA, 2010, pág. 2).

Assim, percebemos que os bebês vem deixando de ser olhados como frágeis, incapacitados. E vem ganhando reconhecimento como um ser pensante, capaz de se relacionar cognitivamente.

Foi a partir das novas concepções a respeito dos bebês que começou a se pensar a importância da formação para os professores de Educação Infantil a fim de qualificar o atendimento às crianças. Venho agora dialogar com Rivero (2001), a fim de contextualizar os rumos da formação em educação infantil na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Há pouco tempo, ainda inexistia uma política que regulamentasse a formação dos profissionais de educação infantil, foi nos anos 90, que após muitas discussões e pesquisas sobre como melhorar o atendimento para as crianças, que surge o primeiro documento propondo uma Política para a Educação Infantil. Assim:

Nessa direção, em 1993 a Coordenação de Educação Infantil (COEDI) do MEC apresenta um documento cujo conteúdo é uma síntese das discussões realizadas na área por educadores e pesquisadores, propondo uma Política para a Educação Infantil. O documento assume a concepção da Constituição de 88 e lança as novas diretrizes para a área, entre elas uma que afirma a necessidade de construir a profissionalização dos trabalhadores de Educação Infantil (RIVERO, 2001, p.1).

Desta forma, os profissionais de Educação Infantil teriam que ter formação mínima em nível médio ou nível superior. Porém, como nos mostra Rivero (2001), mesmo com esse documento, algumas pesquisas indicavam que o atendimento à Educação Infantil ainda não exigia formação específica.

Essas pesquisas indicam que a formação de um número expressivo de profissionais que lidam diretamente com as crianças, não atinge o ensino fundamental. Outros desses profissionais, segundo tais trabalhos, concluíram o ensino médio, mas sem a habilitação magistério e, mesmo aqueles que concluíram-na estariam formados inadequadamente, pois esta formação não contempla as especificidades da educação infantil (RIVERO, 2001, p.2).

Foi então, que diante do exposto, começa-se a pensar formas de incorporar uma formação específica à Educação Infantil. Assim

a nova LDB (Lei 9394/96) incorpora algumas questões definidas anteriormente na Política de Educação Infantil proposta pelo MEC em 1993, estabelecendo que a formação de docentes para atuar na educação básica deve realizar-se em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, sendo admitida a formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil (RIVERO, 2001, p.3).

Desta forma reconhecer a educação infantil como integrante da educação básica significa reconhecer que as professoras que atuam com meninos e meninas pequenas devam ter o mesmo prestígio e formação dos profissionais dos demais níveis de educação. (TRISTÃO, 2004).

Segundo Rivero (2001) um projeto para Formação em Habilitação Pré-escolar, começa a ser pensado no final da década de 70, com a constatação da precariedade do atendimento oferecido às crianças de 0 a 6 anos de idade. Tratava-se de educar as crianças com o intuito de integrá-las à sociedade de modo harmônico, sem desconhecer as suas necessidades (físicas e socioemocionais) (p. 6). Surge então a primeira habilitação em Educação Pré-escolar na UFSC, na década de 80. Ainda assim persistiam dúvidas sobre a identidade desse professor. Ora o egresso no curso defendia uma formação como “especialista, ora como professor” (RIVERO, 2001, p.7).

[...] a constituição dessa habilitação acontece num momento em que o Curso era conformado por uma legislação de viés tecnicista, que determinava prioritariamente a formação de especialistas. Mas os educadores também começavam a organizar-se, criticando o modelo de formação vigente nos cursos de Pedagogia e defendendo a docência como base comum à formação de todos os profissionais da educação e a formação específica como uma formação complementar (RIVERO, 2001, p. 7).

De acordo com a autora referida acima essa primeira habilitação na década de 80, trazia a possibilidade de confronto entre duas vertentes de Educação Pré-escolar, uma com um viés tradicional, e outra com viés crítico de educação.

Em consonância com a produção teórica desse período, uma das vertentes questionava concepções tradicionalmente defendida na área. A criança como sujeito histórico, o compromisso com uma educação de qualidade para as crianças das classes populares e a valorização e a ampliação dos conhecimentos dessas crianças são algumas das questões defendidas pela vertente crítica e destacadas pelas alunas como marcantes em sua formação. Demarcando uma ruptura com a vertente que defendia na habilitação uma Pré-Escola assistencialista e preparatória, essa outra vertente apresentava uma visão de Pré-Escola com função pedagógica, baseado fundamentalmente na sistematização dos conhecimentos (RIVERO, 2001, p.9).

Aos poucos, foi rompendo-se a ideia tradicional de educação e passando a pensar as possibilidades da criança em um viés crítico. *“No início da década de 90, a visão de criança como sujeito histórico e social teria se fortalecido na habilitação”* (RIVERO, 2001, p.10).

Assim, no decorrer dessa década, percebemos um movimento que impulsiona a formação para além do viés psicológico... E contribuições de outras áreas do conhecimento começam a marcar espaço na formação a partir da compreensão de que a articulação com as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, a História e a Antropologia, possibilitariam “apreender as semelhanças e diferenças do conceito de crianças e das necessidades sociais a que ele responde” (RIVERO, 2001, p.11).

De acordo com Rivero (2001)

a própria expressão Educação Pré-Escolar torna-se inadequada para descrever uma área que busca a sua especificidade distanciando-se do modelo escolar e descobrindo a necessidade de ampliar “o olhar” para conhecer as crianças. Em seu lugar é proposta a denominação Educação Infantil.” (p.12).

Foi nesse processo que começa-se a pensar na educação das crianças de 0-3 anos de idade. Que anteriormente, num modelo de educação escolar, em que planejava-se a partir das áreas de conhecimento, excluía a criança de 0-3 anos. Com a nova proposta de Educação Infantil essa faixa etária também ganha visibilidade, rompendo com a educação assistencialista e dando cada vez mais lugar a educação que envolva o cuidar e educar como indissociáveis ao trabalho pedagógico com as crianças.

Com os novos rumos que a Educação Infantil vinha tomando em 1999, Eloisa Rocha, defende em sua tese de doutorado a existência de uma Pedagogia da Infância. Esse mesmo conceito está exposto nas *“Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil de Florianópolis”* (2010), onde afirma que:

A consolidação de uma Pedagogia da Infância diferencia-se, portanto, pelo seu foco de preocupação: os processos de constituição do conhecimento pelas crianças considerando que neste processo estão envolvidas as diferentes dimensões humanas, como a dimensão linguística, corporal, afetiva, estética, social e cultural. Uma prática fundamentada na Pedagogia da Infância distingue-se também na medida em que considera as crianças como “sujeitos históricos “objetos” da intervenção educativa” e na medida em que busca superar “uma visão homogênea de criança e infância” (ROCHA, 2010, p. 14).

Essa “Pedagogia da Infância”, defendida por Rocha, vem delimitando as especificidades da Educação Infantil que buscamos.

Com base nessas especificidades, torna-se importante assegurar que afirmar a necessidade de ampliar, sistematizar e diversificar as experiências, os conhecimentos e o desenvolvimento das crianças não significa dizer que o conhecimento e a aprendizagem não pertençam ao mundo da Educação Infantil. Pelo contrário, o conhecimento é parte e consequência das relações que as crianças estabelecem com o meio natural, com o meio social, com a cultura, com os adultos e com as outras crianças (BUSS-SIMÃO e ALBUQUERQUE, 2012, p.5).

Segundo Tristão (2004) a formação do professor é indiscutivelmente um dos fatores mais importantes para a promoção da qualidade do serviço prestado à educação, quer estejamos referindo-nos à educação infantil, quer a qualquer outro nível (p.42). Assim:

Faz parte das atribuições das professoras de educação infantil planejar e organizar o espaço que vai ser utilizado pelas crianças. Um espaço caloroso, seguro, que desperte a imaginação, a criatividade, a cooperação, a solidariedade e a autonomia das crianças é condição para que meninos e meninas vivam sua infância na instituição de educação de forma livre e espontânea (TRISTÃO, 2004, p.93).

Segundo Duarte (2012)

A consolidação da docência com os bebês pauta-se na afirmação de que todas as ações que envolvem esse cotidiano se constituem por dimensões educativas. Portanto, a docência com os bebês se constitui na interação humana vinculada a uma intencionalidade que expressa, por sua vez, uma função social. Docência está aqui entendida como uma *docência para a infância* que vai ao encontro da consolidação de uma *pedagogia da infância* (ROCHA, 1999), tomando como objeto de preocupação as próprias crianças no âmbito das relações que essas estabelecem com os outros no processo de apropriação e produção de cultura (p. 11).

Assim, a docência com os bebês tem suas especificidades e o estágio em Educação Infantil tem um papel formativo muito importante para as estudantes de Pedagogia e futuras

professoras. É preciso uma vasta abrangência nos conteúdos da formação, em que vivenciem as várias possibilidades do trabalho pedagógico para assim oferecer às crianças. Considerando a importância de uma formação contínua e não um processo estático e imutável. Neste trajeto, a compreensão de quem são os bebês e suas especificidades é fundamental para que possa posteriormente pensar em práticas que os atendam.

Desta forma, segundo Agostinho (2013), devemos manter nossa atenção nos saberes e nos nossos não saberes sobre as crianças, deixando espaço para o novidável da infância. Assim,

esse hiato de nossos desconhecimentos acerca delas nos dá a possibilidade de intencionalmente deixarmos espaço e tempo para que a novidade da infância, a singularidade de cada sujeito criança traz ao se envolver e relacionar com nossas práticas pedagógicas nas creches e pré-escolas. Num exercício de pensamento, no seio do próprio pensar e das práticas sociais educativas, numa nova forma de relacionar-se com o desconhecido e novidável da infância e da vida que aposta no campo da criação, invenção e da *necessidade de produzirmos a diferença* (AGOSTINHO, 2013, p. 18).

3. FRAGMENTOS DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Antes de relatar como foram escolhidos os documentos para análise, acho importante ressaltar a forma como esses documentos vem se constituindo. De acordo com Cerisara et all (2002) a habilitação em educação infantil, existe no curso de Pedagogia da UFSC desde o ano de 1980. Desde então, os estágios têm sido encaminhados de diversas maneira. A partir de 1995, a habilitação em educação infantil acontece durante as duas últimas fases do curso, cujo estágio se divide em dois momentos: na sétima fase, a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil I e na oitava fase, a disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil II (p.1).

Ostetto (2000) relata a divisão do estágio, em que no primeiro momento, na 7ª fase, acontece uma aproximação às crianças e a construção de um projeto de estágio, o qual será o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho das estagiárias na 8ª fase (p.21). Ao final desse processo, as estagiárias sistematizam suas vivências a partir de um relatório (p.23).

Nesse formato, o projeto de estágio e o relatório final era construído coletivamente. As estagiárias que iriam para determinada instituição elaboravam um único documento visando o coletivo da creche. Porém cada dupla ficaria responsável por realizar a sistematização do estágio com a turma no qual ficou responsável. No final, formando um único documento.

Após essa configuração, encontrei em 2005, alguns relatórios com o formato de artigo. Também elaborados em duplas.

Em 2009, passamos a ter a implementação de um novo currículo no curso de Pedagogia da UFSC, este, extingue a habilitação e passa a contemplar os estágios tanto em educação infantil quanto em anos iniciais do ensino fundamental como obrigatórios, e não mais como uma habilitação a ser escolhida, ficando o estágio de educação infantil localizado na sétima fase do curso. Desta forma, a constituição dos relatórios de estágio em educação infantil, presente no novo currículo implementado em 2009 visa a construção de um memorial, também realizado em duplas, onde cada dupla irá relatar o processo vivido em seu grupo de estágio, identificando o que mais significou nesse percurso. Segunda as autoras Oliveira e Lima (2012)

nesta perspectiva também é abrir possibilidades para que cada narrador explore e encontre a sua expressão artística, criando visualidades que *toquem* a si mesmo como aquele que a encontra; é instigar a criação de imagens que causem estranhamentos por saírem do convencional e por isso, capazes de instigar à imaginação de quem a cria como daquele que a admira (p.3).

Após ter claro esse processo pelo qual os documentos de estágio vêm se constituindo, partimos para a seleção dos referidos documentos. Dentre os encontrados daqueles que versam

sobre 0 à 2 anos, escolhemos 30% para fazer a análise, destes 30% foram 10 escolhidos, que dividimos de acordo com o ano. Nesta organização selecionamos 3 nos anos de 1988 à 1995 (lembrando que o primeiro relatório encontrado sobre a faixa etária escolhida foi no ano de 1993); 1 de 1995 à 2000 (sendo encontrado apenas um do ano de 1999); 4 de 2001 à 2008 e 2 de 2009 à 2013.

Procurando selecionar a partir de alguns critérios como: menor idade e instituição e orientador (a) diferentes. Apesar disso acabamos por ficar com 2 relatórios com a mesma orientadora e 2 relatórios com a mesma instituição por se tratarem de anos diferentes e por não encontrar outro com a faixa etária específica deste trabalho. Desta forma os seguintes relatórios foram selecionados:

Tabela com os relatórios selecionados para análise						
ANO	FASE	TÍTULO	AUTORES	ORIENTADOR (A)	LOCAL DA REALIZAÇÃO	GRUPO E DENOMINAÇÃO
1993: Jul	Não especifica a fase: prática de ensino na pré-escola II	O trabalho pedagógico na rotina do berçário	Márcia Ramos de Azevedo Jesus	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	nível II (8 meses a 1 ano)
1994: Jul	8ª fase: Disciplina a prática de ensino na pré-escola II	Relatório da prática de ensino na pré-escola	Júlia Maris Latrônico Souza	Ana Cristina Luz	Creche nossa senhora aparecida	Berçário (3 meses a 1 ano)
1995	Não especifica a fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	O trabalho pedagógico com crianças de 0 a 4 anos: dos limites às possibilidades	Cristiane da Cunha	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold	Berçário I (6 meses a 1 ano)
1999: Nov	Estágio Supervisionado em Educação	Engatinhando, desfraldando e andando:	Rita de Freitas B. Cardoso; Zulma Franz Matias	Patrícia Dias Prado	Creche Fermínio Francisco Vieira	Berçário (1 a 2 anos)

	Infantil II	vamos construir uma nova casa?				
2001	8ª fase: estágio supervisionado II	Organizando o espaço: possibilitando as interações	Aline Vasconcelos Marques; Claudia C. A. da Silva; Marlise M. Rech ; Zenilda Z. Scalvin	Cristiana de França Chiaradia	Creche São Francisco de Assis	BI (3 meses a 1 ano e 3 meses), BII, GTII e GTVI (0 a 5 anos)
2003: JUL	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Fios e Desafios de um Estágio	Daniela de Jesus; Raquel Andrade.	Josiana Piccolli	Waldemar da Silva Filho – Trindade	Berçário I (3 meses a 1 ano e 3 meses).
2007	8ª fase: estágio supervisionado II	O trabalho musical e o desenvolvimento das múltiplas linguagens: o berçário em foco	Anne Marie Tribess Onesti	Deise Rateke	Creche Dona Cota	G1 (8 meses a 1 ano e 4 meses).
2008: Jul	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Socializando a prática de estágio: o observado e o vivido na Creche Irmão Celso (relatório coletivo).	Bruna da Silva; Bruna M. C. Martins; Camila A. Becker ; Elizete Ruschel; Graziella R. Costa; Illa B. Tucci ; Lara C. Cunha; Mara Rúbia P. Fernandes; Marcela C. Z. de Andrade; Mariana G. da Costa	Adilson De Ângelo	Creche Irmão Celso – Agrônômica	BII (1 a 2 anos), Maternal I (2 e 3 anos), Maternal II (3 e 4 anos), I período (4 e 5 anos) e II período (5 e 6 anos)
2010: jun	Disciplina de Estágio Supervisionado II em Educação Infantil	Adultos e Crianças construindo significados num mundo de linguagens: experiências	Adriana Arminda de Souza; Carla do Rosário; Fayga Cristina Silva Camissão; Giovana	Juliane Di Paula Queiroz Odinimo	Creche Anjo da Guarda – trindade	G1: 4 meses à 1 ano. G2/G3B: 2 anos a 3 anos de idade. G3/G4: 3

		de estágio na Creche Anjo da Guarda.	Ranucci Ramos; Isabela Bressan; Isabela Cristina Germanovix; Janaína Nunes; Lorena Janczak Tavares; Márcia Iara Dias Geraldí, Marcos José Oliveira Silva.			anos a 4 anos de idade. G4: 3 anos a 4 anos de idade.
2013 Fev	7ª fase currículo 2009/01	Estágio na Educação Infantil: Primeiros passos. Primeiras memórias.	Rafaela Azevedo de Souza; Virgínia Monteiro de Araújo.	Juliana Schumacker Lessa.	Creche Irmão Celso	G1 (4 meses a 1 ano e 6 meses)

Passando para a leitura dos relatórios, visando eleger alguns fragmentos para análise posterior me orientei a partir das seguintes perguntas:

Qual a denominação do grupo de crianças e a faixa etária? Qual a concepção de docente que se tem? (denominação da professora) Quais as propostas de ação com os bebês foram pensadas?

ANO	DENOMINAÇÃO DO GRUPO DE CRIANÇAS E FAIXA ETÁRIA
1993	Nível II (8 meses a 1 ano)
1994	Berçário (3 meses a 1 ano)
1995	Berçário I (6 meses a 1 ano)
1999	Berçário (1 a 2 anos)
2001	BI (3 meses a 1 ano e 3 meses)
2003	Berçário I (3 meses a 1 ano e 3 meses).
2007	G1 (8 meses a 1 ano e 4 meses)
2008	BII (1 a 2 anos),
2010	G1: 4 meses à 1 ano
2013	G1 (4 meses a 1 ano e 6 meses)

Sobre a denominação e faixa etária das crianças foram encontrados:

Do levantamento destes vinte anos vemos que a denominação não sofreu muitas alterações, sendo possível encontrar com mais recorrência a denominação Berçário - seis vezes, seguida de Grupo 1 – três vezes e por último Nível II que apareceu apenas uma vez no início da década de 90.

A organização em grupos ou turmas nas instituições de Educação Infantil irá depender da organização de cada instituição e cada vez mais das regulamentações da rede municipal de ensino. Geralmente essa organização se dá pela idade das crianças e depende da organização de cada unidade educativa.

Relativos às concepções de docente e a denominação que utilizam nas diferentes experiências de estágios aqui estudadas foram encontrados:

ANO	CONCEPÇÃO DE DOCENTE (DENOMINAÇÃO)
1993	professora, auxiliar e bolsista- ao longo do texto usa apenas a denominação “professoras”.
1994	Professora
1995	“educadoras”
1999	ora como “professoras”, ora como “educadoras”.
2001	Professoras
2003	Educadoras
2007	Educadoras
2008	Professora, mas por vezes ao longo do relatório utilizam a palavra “educadoras” para se referir à docência.
2010	Educadoras
2013	Professora, mas por vezes ao longo do relatório utilizam a palavra “educadoras” para se referir à docência.

Ao analisar a forma como as estagiárias se referem às profissionais da sala percebemos que parece existir uma equivalência quanto ao termo utilizado. Há menção ao termo professora 6 vezes e ao termo educadora 7 vezes. Utiliza-se o termo como sinônimos em 3 dos 10 relatórios. Utiliza-se apenas o termo professora em 3 dos 10 relatórios e apenas educadoras em 4 dos 10 relatórios. Procurei definir essa denominação de acordo com o termo que mais vezes apareceu na leitura, observando uma equivalência em relação a denominação acerca da docência na educação infantil.

Essa equivalência de significados quanto ao termo utilizado explica-se historicamente, quando na educação das crianças pequenas perpetuava um viés assistencialista. Mesmo após a LDB/1996, quando as creches deixaram de ter esse caráter assistencialista e passam a ser consideradas a primeira etapa da educação básica, onde o profissional que deveria atender a essas criança será o professor, em muitos lugares ainda admite -se profissionais sem a devida formação, tampouco o nível superior. A escolha de algumas estagiárias do termo utilizado, provavelmente, se deu por conta das modalidades de contratação encontradas nas instituições de

educação infantil. Um exemplo disso é a contratação na rede municipal de Florianópolis, da professora pelo quadro do magistério, enquanto as auxiliares da sala pertencem ao quadro civil.

Defendo o uso do termo Professora, para se referir à profissional docente com os bebês. Buscando uma valorização da profissão, que ainda encontra-se em processo de consolidação de sua própria identidade e especificidades.

Diante do exposto, passamos a refletir as concepções que as estagiárias têm acerca das ações pedagógicas com os bebês. Atentando a responder a terceira pergunta que norteou essa pesquisa: Quais as propostas de ação com os bebês foram pensadas?

Trago alguns fragmentos dos relatórios de estágio acerca do fazer pedagógico:

3.1 O trabalho pedagógico na rotina do berçário (1993)

Márcia Ramos de Azevedo Jesus

Este estágio foi realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC), pertencente a Universidade Federal de Santa Catarina, localizado no bairro Trindade, Florianópolis/SC.

Ao se referir a sua proposta com a turma, Márcia diz que irá “*promover um “trabalho pedagógico durante a rotina do berçário”*” (JESUS, 1993, p.9).

Citando a rotina do berçário a estagiária deixa claro que existe um momento para as “atividades dirigidas”. Dividindo esses momentos em conteúdos de (matemática (tempo, percepção dentro/fora), ciências naturais (hábitos de higiene) etc.); e atividades (exploração do ambiente, momentos de higiene). Ao se referir aos momentos de higiene afirma que:

A hora da higiene consistia em trocar as fraldas e lavar as mãos. Nestes momentos, conversávamos com a criança, sobre a necessidade da ação para o seu bem estar, como também trabalhamos as partes do corpo, apontando e nomeando (JESUS, 1993, p.12).

Em uma das atividades propostas as crianças vivenciaram o trabalho com texturas:

Trabalhamos os diversos tipos de papéis, plásticos, madeira, isopor, esponja, tecidos, lixa e areia, permitindo o manuseio livre. Esta forma de trabalhar garantiu um bom aproveitamento por parte das crianças, onde pudemos, inclusive, perceber suas preferências. O que mais despertou o interesse do grupo, foram as esponjas, embora a exploração tenha se centrado mais nas macias e coloridas, deixando de lado as mais grossas e ásperas (JESUS, 1993, p.13).

Na justificativa da sua proposta de desenvolver um trabalho pedagógico na rotina do berçário explica que:

Um trabalho pedagógico na rotina das crianças, significa qualificar a sua interação com o adulto, com as outras crianças e com o mundo físico e social; orientar a sua investigação, exploração do ambiente e dos materiais; favorecer a sua autonomia nas ações; e propiciar a construção do seu pensamento e linguagem, através das interações que estabelecem (JESUS, 1993, p.16).

Ao finalizar o texto a estagiária diz o quanto foi fundamental proporcionar às crianças experiências variadas. E ainda “*que é possível desempenhar um trabalho criativo e pedagógico durante todos os momentos da rotina das crianças desta faixa etária*” (JESUS, 1993, p.19).

3.2 Relatório da prática de ensino na pré-escola (1994)

Júlia Maris Latrônico Souza

O estágio foi realizado na Creche Nossa Senhora Aparecida, localizada no bairro Pantanal – Florianópolis/SC.

Nos primeiros relatos a estagiária diz o seguinte:

[...] a rotina do berçário, que se constituía em: troca, lanche, atividade, jantar, troca e saída, muito me intrigava. Não pelo fato de haver esta organização, mas sim, pelo modo de como as relações pedagógicas aconteciam naquela turma. De que forma então qualificar pedagogicamente os momentos de rotina? Os limites estavam claros; o desafio estava por vir (SOUZA, 1994, p. 8).

Desta forma ela dá alguns indícios de como qualificar as relações pedagógicas com os bebês. Por exemplo: “*no momento do jantar, aproveitava para falar o nome dos alimentos, sobre a sua densidade, a forma de como deveriam mastigá-los e perguntava se era gostoso ou não. Este momento constituía-se de relações muito ricas*” (SOUZA, 1994, p.9).

A estagiária também destaca alguns empecilhos na sua prática, como a falta de experiência anterior e do estágio como muitas vezes a primeira aproximação com as crianças e também como a falta de referencial teórico que abrangesse a faixa etária específica de 0-2 anos.

Também prevalece a importância do papel do adulto em atribuir significados às ações das crianças como no seguinte trecho:

Nesta faixa etária a criança comunica-se através do choro, balbucios e gestos. É esta forma de linguagem que utiliza para relacionar-se com os adultos. Mas é o adulto, que através da sua linguagem elaborada atribui os primeiros significados às ações da criança, interpretando, traduzindo, lançando hipóteses sobre o que se passa. Foi agindo como mediadora e interlocutora daquelas crianças que fui percebendo como a linguagem, (que estava presente desde o momento que entrava na sala até a hora de sair) e a interação exerciam esta função de organizadores do trabalho pedagógico (SOUZA, 1994, p. 14).

3.3 Apostando nas possibilidades: o trabalho pedagógico com o berçário I (1995)

Cristiane da Cunha

O presente relatório socializa o estágio realizado na Creche Monsenhor Frederico Hobold, localizada no bairro Costeira do Pirajubaé – Florianópolis/SC.

A estagiária buscou em todos os momentos referenciar o caráter pedagógico das ações com os bebês. Como podemos observar nesse pequeno trecho:

Nos momentos de troca, procurava privilegiar um maior contato com as crianças, por isso não trocava todos os alunos. Considerando dentro da proposta que todos os momentos são transformados em ação pedagógica, procurei qualificar esses momentos com as crianças (CUNHA, 1995, p.39).

A preocupação com o espaço e os brinquedos de sala é evidente nos relatos. Afirmando que a estruturação do espaço de uma forma intencional é o que possibilita as crianças à novas descobertas. Essa organização se dava através dos “cantos”. Ou seja, espaços diferenciados no entorno da sala com propostas diferentes para as crianças.

As estagiárias preocuparam-se em trazer novos elementos para enriquecer o espaço da sala, como uma rede para embalar as crianças: “[...] *uma criança estava chorando muito. Peguei-a no colo e percebi que seu corpo estava tenso. Levei-a até este canto, no início, olhou-me com curiosidade e certo receio, mas quando comecei a balançar a rede, percebi que aos poucos ia relaxando*” (CUNHA, 1995, p.53). Assim como a colocação de um espelho de forma que as crianças pudessem se ver: “*Proporciona a criança ver a sua imagem, sendo que a sua existência é de fundamental importância para a construção da identidade da criança, pois contribui com a descoberta do seu eu corporal e favorece as brincadeiras espontâneas das mesmas, como as de esconder*” (CUNHA, 1995, p.56).

A estagiária ainda destaca a importância do registro como reflexão da prática junto as crianças e a importância do papel do professor ao buscar compreender as expressões, gestos e posturas da criança. Desta forma, o grupo de estágio pensou em trazer uma formação teórica para

as profissionais da Creche. As estagiárias trouxeram algumas discussões como forma de ampliar a visão que se tem da criança de 0-2 anos na educação infantil, assim como forma das profissionais entenderem as propostas trazidas pelas estagiárias. Assim uma das formações veio tratar da diferença entre pedagógico X assistencial e cuidado X educação.

Citando um momento em que uma professora expos sua opinião:

Algumas das quatro professoras afirmava não ser possível atribuir à creche uma função puramente pedagógica, pois a necessidade de que haja nesta instituição os “cuidados” à criança pequena sempre irá caracterizá-la como assistencial. Tentamos esclarecer com o auxílio do texto exposto, que numa creche o cuidado sempre estará presente. No entanto, a forma como o professor encaminha os momentos de cuidado e, antes disso, a intenção implícita no ato, é que irão determinar se estar-se-á cumprindo uma função pedagógica ou assistencialista (CUNHA, 1995, p.86).

Assim, a estagiária conclui ressaltando a importância da complementação entre teoria e prática e de como as discussões podem fazer a diferença na nossa prática.

3.4 Engatinhando, desfraldando e andando: vamos construir uma nova casa? (1999)

Rita de Freitas B. Cardoso; Zulma Franz Matias

Este estágio foi realizado na Creche Fermíneo Francisco Vieira, localizada no bairro Córrego Grande, Florianópolis/SC.

Na leitura do relatório fica claro a preocupação das estagiárias com a organização do tempo e dos espaços em sala para facilitar o processo de aprendizagem das crianças pequenas. Como podemos analisar nos dois trechos abaixo:

No processo de formação do grupo, devemos ressaltar a importância da rotina enquanto referência para as crianças e os professores. Não vamos confundir-la com rotina-rotineira [...] A nossa intenção foi buscar uma rotina enquanto organização do espaço, organização do tempo, das situações significativas, de ritmo (CARDOSO e MATIAS, 1999, p.50).

**

Na sala proporcionamos para as crianças alguns cantos, denominados como zona circunscritas. Foram criados o canto do desfralde, o canto da leitura, o canto da casinha, o canto da água, o canto da identidade. Cada canto era ilustrado com figuras significativas para as crianças (CARDOSO e MATIAS, 1999, p.64).

Ao pensar na organização dos espaços na sala as estagiárias citam como exemplo essa organização através dos “cantos”.

O canto da leitura foi proposto com total autonomia para as crianças. Lá elas podiam usufruir de um cesto contendo livros de histórias, revistas, que em alguns momentos eram lidas por nós e em outros explorados somente pelas crianças (CARDOSO e MATIAS, 1999, p.65).

As estagiárias afirmam que a organização dos espaços é o que ajuda nas interações. Usando o espaço do banheiro por exemplo, procurava-se explorar os elementos que ali continham, como a água durante o banho e as trocas de fralda como um meio de conversação criança-adulto no sentido de ser um dos poucos momentos em que conseguimos dar uma atenção maior para cada criança individualmente.

Elas relatam também a descoberta de novos elementos pelas crianças como uma das coisas mais prazerosas do estágio, quando dizem: *“Foi uma aventura maravilhosa, as crianças pegavam os pincéis e utilizavam as tintas de cores diferentes, pintando os patinhos de papelão, pintavam também as mãos, os rostos uns dos outros. Foi bom vê-las desfrutarem coisas novas”* (p.77). Da mesma forma defendem a importância do reconhecimento da postura do professor diante das crianças, ao afirmar que: *“Também devemos ter em mente que não é somente na hora da “atividade” que o pedagógico está presente, o pedagógico não está na atividade em si, mas na postura do educador, em todos os momentos”* (p118).

O presente relatório é finalizado da seguinte forma:

Fica claro para nós que o papel do(a) educador(a) na educação infantil é de propor situações de desequilíbrio, aguçando a curiosidade de suas crianças para novas descobertas, novos conhecimentos, brincando com elas, observando suas brincadeiras, criando um ambiente em que a criança encontre liberdade para trocar experiências, ouvir histórias [...] (CARDOSO e MATIAS, 1999, p.113).

3.5 Organizando o espaço: possibilitando interações (2001)

Aline Vasconcelos Marques; Claudia C. A. da Silva; **Marlise M. Rech**; Zenilda Z. Scalvin

O referido estágio foi realizado na Creche São Francisco de Assis, localizada no bairro Serrinha, Florianópolis/SC. O grupo de estagiárias pensou em um projeto coletivo que pudesse integrar todas as crianças da creche. Embora o projeto tivesse sido elaborado coletivamente cada

estagiária ficou responsável pelos encaminhamentos com apenas um grupo. A responsável pelo grupo BI foi a estagiária Marlise.

A preocupação do estágio era em relação a organização do espaço: *“Reafirmo as diretrizes do projeto de estágio que a (re)organização do espaço das salas transformando-os em zonas circunscritas que no cotidiano são chamadas de cantos provoca mudança significativas no grupo”* (RECH, 2001, p. 24).

Em um dos momentos em que propunha uma atividade com as crianças, a estagiária levou uma caixa onde a intenção era que as crianças fossem colocadas dentro e empurradas. Em determinado momento duas crianças começaram a rasgar e amassar a caixa com muita felicidade. Assim a estagiária relata que:

[...] ficou claro pra mim, que na educação infantil não tem o momento da “hora da atividade”. [...] Que todos os momentos são de situações significativas. Partindo, é claro, da concepção sobre educação de zero a seis anos a qual concebe a criança como um ser social, que possui uma história, um contexto (RECH, 2001, p. 25).

É evidente a preocupação nesse momento com os novos rumos que a educação infantil vem tomando. A creche deixa de ser vista como uma alternativa de combate a pobreza e começa a se firmar como direito social da criança. Assim surgem algumas inquietações em relação a falta de clareza sobre a nova caracterização do espaço da creche:

[...] em que medida ele é (e pode ser) educativo e quais os limites de sistematização aceitáveis em uma “educação infantil”? Uma outra entrada desta matriz de preocupação diz respeito a definição de critérios mínimos de qualidade de serviço voltado para as crianças de zero a seis anos, incluindo aí parâmetros sobre formação de profissionais na área (quais teorias? Quais práticas?) e a possibilidade de recursos materiais e educacionais (RECH, 2001, p. 32).

Neste contexto de muitas dúvidas as estagiárias relatam a dificuldade das professoras entenderem determinadas proposições e muitas vezes dizerem não em relação as mudanças até mesmo referente ao espaço, como por exemplo, a vontade de retirar um colchão de casal que ficava na sala do BI a fim de ampliar o espaço para as crianças. Assim, o texto termina com a seguinte indagação: *“Como fazer para contemplar o projeto de Trabalho proposto pelo grupo (estagiárias), ao mesmo tempo querer indiscutivelmente trabalhar o educar-cuidar, dentro de uma rotina que não dá voz a criança para ver o que ela está querendo, pedindo; do que ela gosta. Seguindo uma lógica de organicidade do adulto”* (RECH, 2001, p. 32).

3.6 Fios e Desafios de um Estágio (2003)

Daniela de Jesus; Raquel Andrade.

O presente estágio foi realizado na Creche Waldemar da Silva Filho, localizada no bairro Trindade, Florianópolis/SC.

As estagiárias afirmam que a proposta de trabalho com a turma baseia-se na “*observação, registro e reflexão acerca do cotidiano vivido pelas crianças no espaço da creche*” (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 04).

O texto do presente relatório deixa claro a visão de criança das estagiárias. Como nos mostra esse pequeno trecho:

O desafio estava posto... e essa era a nossa oportunidade de desvelar que crianças eram aquelas que estavam diante de nós, crianças que choram, brincam, comem, pensam, sentem... e precisamos percebê-las em todos esses momentos e pensar o cotidiano em função destas crianças que manifestam seus desejos e sentimentos o tempo todo (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 05).

Da mesma forma, as estagiárias usam algumas de suas observações para destacar a importância da observação, registro e reflexão no cotidiano vivido por essas crianças na creche. Assim como vemos no registro a seguir:

Júlia que normalmente é bem tranquila, esta sentada no bebê-conforto chorando, já a algum tempo, ela parece estar incomodada com algo. Resolvi pegá-la no colo e leva-la para sala, porém não adiantou. Então, a coloquei de bruço no colo e aos poucos ela foi se acalmando. Júlia começou a arrotar e regurgitar o leite que havia tomado no lanche, assim pouco a pouco sua agonia foi passando, a coloquei no colchão e ela adormeceu tranquila (Daniela, Registro do dia 08/04/03) (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 06).

Relatando os primeiros momentos na Unidade de Educação Infantil as estagiárias manifestam a dúvida de não saber por onde começar. “*Mas quando nos deparamos com tantos bebês... quantos choros, movimentos, olhares espantados... uns dormem, outros brincam. Neste momento nos vem a dúvida, por onde começar?*” (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 09).

Alguns desafios também são revelados:

Começamos a observar os vários movimentos que as crianças estavam fazendo no ambiente da sala, mas aquilo nos parecia tão “normal”, não parecia ser algo que merecesse ser registrado. [...] A tarefa de registrar foi se tornando cada vez mais difícil, pois ficávamos divididas entre perceber e registrar os movimentos das crianças, ou interagir e atender as necessidades imediatas delas. Apesar desta turma ser privilegiada e possuir três educadoras para compartilhar a tarefa

de cuidar e educar, é difícil das a atenção merecida e necessária a cada um. Afinal de contas são tantas fraldas, choros, sono, fome, sede... (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 10).

As estagiárias utilizavam de seus registros para refletir sobre as possibilidades de intervenções pedagógicas com os bebês. Como podemos ver:

[...] depois de refletirmos chegamos a conclusão que no espaço do banheiro haviam poucos materiais para interagir com os bebês no momento da troca. As educadoras tinham que se utilizar de materiais como tubos de pomada para assadura, frasco de lenço umedecido, e até mesmo a própria fralda que seria colocada posteriormente na criança, para deixá-las mais tranquilas e facilitar este momento (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 12).

Bem como pensam o espaço como um terceiro educador, propiciando novas descobertas para os bebês de acordo com “o estudo da criança e do grupo, referindo-se as suas necessidades e interesses” (p.21), pensando o “educar-e-cuidar” como um processo intencional. Desta forma as estagiárias veem o planejamento com os bebês como algo sistemático e significativo que articula o cuidar e educar, como ação indissociável (p.20). Assim:

Partindo deste elemento tão importante que é a organização da rotina, o cuidar e o educar vão estar mais associados e articulados entre si. Mas como isso é possível? Como tornar a troca de fralda um ato pedagógico? Como fazer que uma alimentação seja prazerosa? [...] A troca de um bebê, depende a concepção que se tem de criança e de educação, pode ser um ato mecânico ou não: um momento de prazer, de interações e conversações. Ao trocar um bebê, a educadora pode estar constantemente conversando com a criança, cantando com ela, aproveitando para um banho de deliciosas massagens e favorecendo que a criança sinta diversas texturas, como sabonete, esponja, água [...] (ANDRADE e JESUS, 2003, p. 34).

Ao fim desse processo as estagiárias analisaram o estágio como algo inovador e positivo na instituição, contribuindo tanto para sua formação enquanto futuras educadoras, quanto para a formação dos profissionais da instituição, uma vez que a troca de ideias, dúvidas e saberes sobre o cotidiano da creche era um movimento constante.

3.7 O trabalho musical e o desenvolvimento das múltiplas linguagens: o berçário em foco (2007)

Anne Marie Tribess Onesti

Este estágio realizou-se na Creche Dona Cota, localizada no bairro Abraão, Florianópolis/SC.

O texto começa afirmando que a pouca idade das crianças não significa uma limitação ao se pensar a temática a ser trabalhada durante o estágio.

As professoras da sala defendem a exploração do espaço como propiciador de novas experiências. Nesse sentido a estagiária revelou a seguinte proposta:

Dando continuidade ao trabalho realizado com as crianças do G1 era também minha intenção explorar o quanto possível o espaço e os objetos de convívio dos bebês para oferecer a eles novas experiências. Criar um túnel, uma casinha [...] Pensei ainda em proporcionar experiências onde os bebês pudessem subir e descer de almofadas, apalpar diferentes objetos, acompanhar com os olhos ou tentar alcançar um elemento desejável, ou seja, era possível oferecer diversas possibilidades de conquistas explorando bem espaços e objetos (ONESTI, 2007, p.16).

A estagiária relata em vários momentos a preocupação em se aproximar das crianças, em estabelecer vínculos e fazer com que elas interagissem mais uma com as outras e foi através da musicalização que ela pensou essa aproximação: *“Também foi pensado em trabalhar o tempo e o ritmo através do cantar, das palmas e dos instrumentos musicais, assim como integrar momentos de cuidado, interação e musicalização”* (ONESTI, 2007, p.27).

Desta forma a estagiária conclui seu trabalho com os bebês da seguinte maneira:

O período de estágio no G1 foi fundamental para minha compreensão de como se realiza o trabalho pedagógico com bebês. Toda a teoria estudada somente é válida e significativa através da prática cotidiana. É no dia a dia, na convivência com os bebês que aprendemos a ouvi-los, a respeitá-los, a compreender suas especificidades e a entender que não é necessário utilizar lápis, papel ou tinta para que um momento seja considerado uma atividade pedagógica. As atividades pedagógicas estão presentes a todo momento: a cada troca de fraldas, durante a alimentação, no amparo ao choro, na hora do banho, no momento do embalo para o sono ou na brincadeira. Cada situação vivenciada entre a educadora e o bebê é uma troca de experiências e significados, onde amplia-se o repertório de vida dos dois (ONESTI, 2007, p.33).

3.8 Socializando a prática de estágio: o observado e o vivido na Creche Irmão Celso (2008)

Bruna da Silva; Bruna M. C. Martins; **Camila A. Becker**; Elizete Ruschel; Graziella R. Costa; **Illa B. Tucci**; Lara C. Cunha; Mara Rúbia P. Fernandes; Marcela C. Z. de Andrade; Mariana G. da Costa

Do presente relatório foi extraído apenas o capítulo I. Como vimos alguns relatórios tinham a característica de serem elaborados coletivamente, onde cada dupla ficaria responsável por um capítulo sobre o vivido em seu grupo de estágio.

Capítulo I: Descobrindo meu mundo: Espaço, autonomia e inter-relações em uma turma de berçário.

Camila A. Becker; Illa B. Tucci

Este estágio realizou-se na Creche Irmão Celso, localizada no bairro Agronômica, Florianópolis/SC.

O texto vem mostrar a importância das crianças em descobrirem o mundo ao seu redor e também em se descobrirem nesse mundo:

Pareceu evidente para nós, que observamos as crianças do berçário II durante algum tempo, que a descoberta do mundo é o principal foco de suas vivências. Quase tudo para essas crianças parece se constituir novidade: às vezes, verdadeiramente, o são (BECKER e TUCCI, 2008, p.13).

Com esta visão sobre essas crianças o projeto das estagiárias se desenvolveu numa perspectiva de “descobrimento do mundo” pelas crianças. Como podemos constatar nesse trecho:

Os conflitos com os colegas, as imitações, os interesses por caneta, água, brita, potinhos, tinta, música, história... Deram-nos mais do que provas de que essas vivências precisam ser exploradas e desenvolvidas para que se tornem significativas a ponto de fazerem parte da construção/reconhecimento permanente das crianças como sujeitos desse mundo (BECKER e TUCCI, 2008, p.14).

A importância que a organização do espaço exerce dentro da sala também ficou muito evidente nesta leitura, acentuando que essa organização por ora facilita ou dificulta as interações. [...] *Entendendo assim o espaço como um terceiro educador, admitimos que este influência diretamente a criança no reconhecimento de si e do mundo* (BECKER e TUCCI, 2008, p.16).

Assim, as estagiárias começam a pensar a questão do espaço para os bebês. Primeiramente pensando na disposição dos brinquedos em sala, que por vezes ficam fora do alcance das crianças e não lhes permite livre acesso. [...] *Acreditamos que seria interessante facilitar o acesso e escolha, permitindo a criança manipular os objetos que desejar sem ter que recorrer ao adulto responsável. Dessa forma, seria facilitado o uso e o estímulo para escolha autônoma* (BECKER e TUCCI, 2008, p.19).

Citando Tristão, (2004), as estagiárias relatam que a concepção que a professora tem de infância influencia diretamente na sua prática. Se enxergar a primeira infância como responsabilidade exclusiva da família, ou os bebês como incapazes, sua prática tenderá a ser assistencialista. Já se considerarmos os bebês como sujeitos de direitos, conseqüentemente a prática docente será humanizadora e comprometida.

Ressaltam desta forma que o foco não deve ser na formação das crianças para o futuro, mas sim na garantia de seus direitos no presente, pois essas crianças já são sujeitos de ações hoje. Algo muito relevante nesse relatório foi a preocupação com o processo que leva a criança a aprender e não com o produto final desse processo. Terminando o relatório com a seguinte afirmação:

Ainda sobre atividades, somos desafiadas a repensar nosso conceito de atividade pedagógica (o que não é pedagógico?) e, principalmente, romper com a ideia de que todas elas precisem de um produto final, pensaremos então no processo como produto, e deixaremos de lado o produto como necessário para afirmação de uma construção das crianças (BECKER e TUCCI, 2008, p.33).

3.9 Adultos e Crianças construindo significados num mundo de linguagens: experiências de estágio na Creche Anjo da Guarda (2010)

Adriana Arminda de Souza; Carla do Rosário; Fayga Cristina Silva Camissão; Giovana Ranucci Ramos; **Isabela Bressan; Isabela Cristina Germanovix**; Janaína Nunes; Lorena Janczak Tavares; Márcia Iara Dias Geraldi, Marcos José Oliveira Silva.

Capítulo 7: Professor (a) de educação infantil: compreendendo a especificidade e importância do trabalho no cotidiano com os bebês

Isabela Bressan; Isabela Germanovix

O estágio aconteceu na Creche Anjo da Guarda, localizada no bairro Trindade, Florianópolis/SC.

Do presente relatório foi extraído apenas o capítulo 7. Como vimos, alguns relatórios tinham a característica de serem elaborados coletivamente, onde cada dupla (ou uma única pessoa) ficaria responsável por um capítulo sobre o vivido em seu grupo de estágio. Neste caso as alunas Isabela Bressan e Isabela Germanovix.

As estagiárias começam seu relato com a seguinte pergunta: o que fazer com bebês?

Afirmam a importância da observação e do registro para se pensar o trabalho com os bebês. Dizendo que:

Saber ouvir aqueles que ainda não falam a nossa língua (a palavra falada), é um desafio único na educação infantil [...] Não somente ouvir, mas desenvolver um olhar sensível, capaz de perceber detalhes e sutilezas, necessidades e desconfortos, anseios e alegrias em crianças tão pequenas é uma ferramenta

única nas mãos dos educadores e das educadoras (BRESSAN e GERMANOVIX, 2010, p.19).

Pensando deste modo, observaram a vontade dos bebês em irem atrás dos berços, e organizaram a sala de modo com que isso fosse possível:

Para trabalhar os outros cantos da sala fizemos uma cabana com os berços e possibilitamos uma passagem para o local que eles e elas sempre tiveram curiosidade de ir, atrás dos berços. Foi rico esse momento também porque percebemos que quando trazíamos algo planejado, diretamente para suas necessidades, os conflitos eram raros [...] (BRESSAN e GERMANOVIX, 2010, p.22).

Uma das questões primordiais no decorrer do texto foi em relação a posição das estagiárias sobre o que seria ser professoras de bebês. Afirmando que segundo Tristão (2004) “O trabalho com os bebês “não aparecem” dentro da instituição. As crianças “não produzem” concretamente nada”. Afirmando nessa maneira que não se deve existir um produto final para que se aja efetivamente um trabalho educativo com os bebês, e que esse acontece permeando as situações de cuidado também.

As estagiárias ainda afirmam que:

Outra questão recorrente, que surgiu foi como vimos o olhar as profissionais para si mesmas na função de professoras de bebês. De acordo com as falas delas, elas demonstraram insatisfação pela falta de reconhecimento [...] já percebíamos antes mesmo da atuação que a expectativa geral tende a definir a professora de bebês como uma babá, e nas entrelinhas, sabemos que pressupõe, de acordo com o mesmo senso comum, que seja então apenas uma questão de cuidados [...] (BRESSAN e GERMANOVIX, 2010, p.25).

Desta forma as estagiárias concluem que é preciso quebrar essa ideia de atividade concreta com os bebês, pensando nas necessidades deles com foco na ação. Possibilitando para as crianças uma fase de construção do conhecimento e significados.

3.10 Estágio na Educação Infantil: Primeiros passos. Primeiras memórias (2013)

Rafaela Azevedo de Souza; Virgínia Monteiro de Araújo.

O estágio foi realizado na Creche Irmão Celso, localizada no bairro agrônoma, Florianópolis/SC.

Consideram as ações pedagógicas:

[...] fundamentais para ampliar e compor as diversas situações de aprendizagens, o pensar, o planejar a organização do espaço, a partilha com as famílias, a educação e ainda o cuidado das crianças, para enriquecer os repertórios sociais, cognitivos e estéticos, mas principalmente, ater-se diariamente a um olhar minucioso ao que os bebês apresentam, como se comunicam, pelo o que se interessam e como interagem (ARAÚJO E SOUZA, 2013, p.14).

Destacam a importância do registro para se pensar o trabalho com os bebês: *“Foi a partir dos registros que nós pudemos pensar o planejamento do grupo do G1, foi necessário fazer vigília, estar dispostas ao encontro e também, prontas para receber o que o novo poderia nos proporcionar [...]”* (ARAÚJO E SOUZA, 2013, p.24/25). Afirmando ainda que esses registros contribuem para traduzir as expressões e ações das crianças e assim dialogar com as ações da prática.

O planejamento se deu através de atividades de experimentação e descobertas para os bebês. Como no seguinte registro onde as estagiárias levaram um cesto com materiais variados em cores, tamanhos e texturas:

Nossa intenção, nesta proposição, era acompanhar como os bebês iriam se envolver e se relacionar com os materiais, sem que tivéssemos a preocupação em atingir uma determinada ação dos bebês (como o desenho e a pintura no papel afixados no canto da sala). Agora, queríamos saber como se dariam as brincadeiras com esses objetos, como eles seriam resignificados pelos bebês? (ARAÚJO e SOUZA, 2013, p.34).

Outra proposta significativa foi a disponibilidade de potes de gelatinas de diferentes tamanhos e colheres num tapete da sala, procurando analisar a reação das crianças e a exploração deste elemento:

A experiência com a gelatina aproximou os bebês a um universo de cores, sabores, aromas e uma textura diferenciada, despertando neles o interesse e o desejo de experimentar. Nossa intenção foi deixá-los a vontade para explorarem da forma que quisessem o momento, mas isso não queria dizer que não iríamos acompanhar os movimentos dos bebês oferecendo nossa ajuda com a colher, na troca de sabores, do formato e tamanho dos potes, diversificando entre eles, isso sem atrapalhar o envolvimento e concentração dos bebês. Pelo contrário, deixamos que eles próprios nos dessem sinais de necessidade de nossa intervenção, afinal, as possibilidades já haviam sido disponibilizadas, a vivência, a experiência, quem dá forma e concretude são as crianças (ARAÚJO e SOUZA, 2013, p. 42).

Desta forma, as estagiárias concluem afirmando a importância de um olhar atento ao que os bebês tentam nos mostrar, pensando em uma organização dos espaços e de ações que visem a exploração de novas descobertas pelos bebês.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOCÊNCIA COM OS BEBÊS

Afinal, quais as propostas de ação com os bebês foram pensadas?

A leitura dos relatórios vem afirmar uma concepção comum de que o trabalho com os bebês deve envolver exploração dos espaços e a ampliação das experiências com os pequenos.

A preocupação com o espaço e os brinquedos de sala é evidente nos relatos, afirmando que a estruturação do espaço de uma forma intencional é o que possibilita as crianças à novas descobertas.

No primeiro relatório a estagiária afirma que:

Um trabalho pedagógico na rotina das crianças, significa qualificar a sua interação com o adulto, com as outras crianças e com o mundo físico e social; orientar a sua investigação, exploração do ambiente e dos materiais; favorecer a sua autonomia nas ações; e propiciar a construção do seu pensamento e linguagem, através das interações que estabelecem (JESUS, 1993, p.16).

Em todas as leituras, fica evidente que há sim uma ação pedagógica com os bebês, e que as estagiárias visam a todo tempo qualificar as relações pedagógicas com os bebês, com o toque sensível na hora da higiene, com o se abaixar para falar de igual para igual com a criança, com o modo pelo qual nos dirigimos a elas. E também nas diferentes formas de compreender o que a criança está tentando nos dizer, visto que, neste momento a fala ainda não está desenvolvida.

Nesta faixa etária a criança comunica-se através do choro, balbucios e gestos. É esta forma de linguagem que utiliza para relacionar-se com os adultos. Mas é o adulto, que através da sua linguagem elaborada atribui os primeiros significados as ações da criança, interpretando, traduzindo, lançando hipóteses sobre o que se passa. Foi agindo como mediadora e interlocutora daquelas crianças que fui percebendo como a linguagem, (que estava presente desde o momento que entrava na sala até a hora de sair) e a interação exerciam esta função de organizadores do trabalho pedagógico (SOUZA, 1994, p. 14).

Além de dar importância às múltiplas linguagens dos bebês, e da organização do espaço como propiciador de interação, outro fato que fica evidente é a relação das estagiárias de utilizarem as ferramentas que constituem o trabalho pedagógico: observação, registro e reflexão. Esses elementos como já vimos é que nos mostram os caminhos a seguir, dando suporte ao nosso trabalho e nos permitindo refletir sobre nossas ações junto aos bebês.

Fica evidente também, a clareza de que o trabalho pedagógico com os bebês, não está atrelado a uma “atividade concreta”, que o pedagógico muitas vezes está na postura do professor diante do que a criança indica. Nesse sentido uma das estagiárias indica que, que todos os

momentos devem ser de situações significativas, sem ter a “hora da atividade”. (RECH, 2001, p. 25).

Percebe-se também, a resistência de algumas professoras em deixar as estagiárias explorarem novas coisas com os bebês. Isso indica a importância das trocas entre as profissionais e as estagiárias, propiciando o compartilhamento tanto de dúvidas quanto de saberes sobre os pequenos. É no dia-a-dia com os bebês que se aprende a ouvi-los e respeitá-los. Para além disso,

a compreender suas especificidades e a entender que não é necessário utilizar lápis, papel ou tinta para que um momento seja considerado uma atividade pedagógica. As atividades pedagógicas estão presentes a todo momento: a cada troca de fraldas, durante a alimentação, no amparo ao choro, na hora do banho, no momento do embalo para o sono ou na brincadeira. Cada situação vivenciada entre a educadora e o bebê é uma troca de experiências e significados, onde amplia-se o repertório de vida dos dois (ONESTI, 2007, p.33).

Desta forma, precisamos ir além dessa ideia de “atividade pedagógica” e pensar na constituição de uma “ação pedagógica” junto aos bebês. Citando novamente Tristão (2004), sobre o trabalho com bebês, onde a autora afirma que o trabalho com os bebês “não aparece”, e que o berçário se caracteriza por momentos de troca de fraldas, banho, alimentação e sono. Constituindo práticas docentes na educação dos bebês. O cuidado também é parte da docência junto aos bebês.

É nessa direção que se afirma que todas as ações das professoras de bebês são docentes, já que denotam um compromisso e exigem uma intencionalidade com a constituição dessa criança e de sua inserção num mundo social. Assim, considera-se que essa docência se constitui na interação humana atrelada a uma intencionalidade que expressa uma função social e não apenas uma “ocupação” (DUARTE, 2011, p.143).

**

Parte-se, portanto, da concepção de que quando se educa o outro também se está cuidando desse outro, e ao cuidar dele se está educando-o. O termo “cuidado” permite demarcar ainda mais que essa dimensão se faz presente na educação infantil e que esse cuidado tem uma marca específica comparado a outros níveis de educação, principalmente quando esse cuidado envolve os bebês em contexto educativo. Todavia, a forma com que esse cuidado é compreendido e concebido pelas profissionais é que produzirá sentido nas ações com as crianças nas creches (DUARTE, 2011, p.157).

A consolidação da docência com os bebês deve se constituir de intencionalidades. Entendo os bebês como atores sociais, permeadas pela sutileza que nos mostra Tristão (2004).

Parece-me que a possibilidade de perceber o extraordinário, o excepcional, no trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenininhas, parte das ações sutis que caracterizam a docência com esta faixa-etária, que deve estar marcada pela promoção de relacionamentos intensos (entre crianças, entre crianças e adultos, entre crianças e espaço, entre crianças e cultura, entre adultos, entre instituição e famílias...), prazerosos, mas também de confronto – que também trazem consigo a possibilidade de trocas e de não consenso -, pelos olhares atentos definidos pela curiosidade, pelo espanto, pelo questionamento, pela humildade do não saber e não predizer, pela possibilidade da descoberta conjunta, da experiência compartilhada. É extraordinário pensar que nem tudo está pré-estabelecido, que há descobertas a serem feitas no caminho (TRISTÃO, 2004, p.151).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como principal objetivo verificar quais as práticas que norteiam a ação pedagógica com os bebês pelas estagiárias de Pedagogia da UFSC de 1993 à 2013. A problematização da pesquisa girou em torno das concepções que vêm sendo construídas na formação universitária acerca da ação pedagógica com os bebês.

Para atingir o objetivo principal desta pesquisa foi preciso mergulhar na análise dos relatórios de estágio presentes no curso de Pedagogia da UFSC, com o recorte de 1993 à 2013. Atentando a importância do espaço do estágio nas instituições de educação infantil como um momento importante de formação, de encontro entre as futuras professoras, e aquelas que já estão atuando e com os bebês.

Após a seleção desses materiais, foi feita uma leitura orientada por algumas questões: Qual a denominação do grupo de crianças e a faixa etária? Qual a concepção de docente que se tem? (denominação da professora) Quais as propostas de ação com os bebês foram pensadas?

Para responder as questões busquei trazer fragmentos dos relatórios a fim de construir possíveis respostas. Identificando elementos nos textos que identificassem quais as propostas de ação foram pensadas para os bebês e como as estagiárias reconheciam o bebê no espaço da creche.

Do levantamento destes vinte anos, vimos a denominação do grupo que atende as crianças de 0 à 2 anos não mudou muita coisa. Essa organização depende de cada instituição que geralmente classificam os grupos em Berçário, ou BI/BII (o número vindo indicar a idade das crianças, BI até 1 ano, BII até 2 anos), e ainda G1, G2.

Quanto ao termo utilizado para se referir as profissionais docentes percebemos uma certa equivalência entre os termos professoras e educadoras. Essa equivalência de significados quanto ao termo utilizado explica-se historicamente, quando na educação das crianças pequenas perpetuava um viés assistencialista. Mesmo após a LDB/1996, quando as creches deixaram de ter esse caráter assistencialista e passam a ser consideradas a primeira etapa da educação básica, onde o profissional que deveria atender a essas crianças será o professor, em muitos lugares ainda admite -se profissionais sem a devida formação, tampouco o nível superior. A escolha de algumas estagiárias do termo utilizado, provavelmente, se deu por conta das modalidades de contratação encontradas nas instituições de educação infantil. Um exemplo disso é a contratação na rede municipal de Florianópolis, da professora pelo quadro do magistério, enquanto as auxiliares da sala pertencem ao quadro civil.

Desta forma defendo o uso do termo Professora, para se referir à profissional docente com os bebês. Defendendo uma valorização da profissão, que ainda encontra-se em processo de consolidação de sua própria identidade e especificidades.

Passamos a refletir as concepções que as estagiárias têm acerca das ações pedagógicas com os bebês. Atentando a responder a terceira pergunta que norteou essa pesquisa: Quais as propostas de ação com os bebês foram pensadas?

Segundo as estagiárias, em sua maioria, o mais importante na ação pedagógica com os bebês é o reconhecimento desse bebê e de suas múltiplas linguagens. Saber que os bebês se expressam e se manifestam através do choro, do gesto, do olhar. E que o adulto deve estar disposto a compreender e interpretar as manifestações das crianças, que mesmo não sendo através da fala, deverão ter voz.

O espaço como propiciador de interação, espaço esse conceituado como *“espaço que, ao transformar-se em lugar, nas relações que ali estabelecem as crianças e os adultos seus usuários, é um lugar de vida, pulsante e rica, abrigo da infância”* (AGOSTINHO, 2003, p.7). Desta forma, as crianças vão modificando esse espaço, dando sentido, dando vida, inventando outros jeitos de lidar com a organização proposta pelo adulto, fazendo coisas para além do que está imposto, transformando o espaço em um lugar, lugar de relações.

A observação e o registro aparecem como fundamentais para a reflexão e ação pedagógica nas práticas cotidianas com os bebês. Parafraseando Ostetto (2008) percebemos que através do registro de nossas observações travamos um diálogo com nossa prática, buscando respostas que vão sendo encadeadas dessa escrita e na medida em que o vivido vai se tornando explícito, se torna também passível de reflexão. O encontro com as crianças e o registro de suas manifestações, brincadeiras e linguagens, bem como a posterior reflexão desse olhar atento oferecem-nos indicativos para pensarmos nossa prática junto aos bebês.

O trabalho pedagógico com os bebês não está centrado em trazer “atividades concretas e visíveis”. Ele se dá nas diversas ações junto à eles, na troca de fralda, na alimentação, e na transformação desses momentos em momentos significativos para os mesmos. E que, portanto, afirmam o cuidado como algo que se constitui parte da docência com os bebês, e que deverá ser pensando para além dos momentos de higiene e alimentação, mas em todos os momentos do planejamento desde a organização dos espaços da sala como na sutileza da postura do professor perante os bebês.

A consolidação da docência com os bebês deve se constituir de intencionalidades. Entendo os bebês como atores sociais e o seu professor tem de ter em conta a sutileza, pela entonação de voz, pelo carinho ao toque. São esses elementos que constituem a docência com os bebês, permeadas por relações e especificidades de ser professora de bebês.

6. REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO, Kátia A. **O estágio na educação infantil no curso de Pedagogia/UFSC: nova configuração, novos desafios e outros nem tão novos assim.** No prelo, 21 pp, 2012.

AGOSTINHO, Kátia A. **O espaço da creche: que lugar é esse?** . Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

BARBOSA, Maria Carmem. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês.** In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110:i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento-&catid=195:sed-educacao-basica acesso em 19 de jun. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília : MEC/SEB, 2010.

BUSS-SIMÃO, Márcia; ALBUQUERQUE, Moema Helena de. **Estágio curricular no curso de Pedagogia: Compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática.** Teias (Rio de Janeiro. Impresso), v. 27, p. 123-138, 2012.

CERISARA, Ana Beatriz et al. **Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil.** In: **Revista Eletrônica Zero-a-Seis.** Florianópolis: CED/NUPEIN, v. 05, 2002, p. 1-13. Disponível no site:
<http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/5completo2.html#INICIO>

_____. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional.** São Paulo: Cortez, 2002.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente.** Florianópolis, 2011.

LORSCHETER, Liliane dos Santos. **Interações Sociais dos Bebês em Creche: Intencionalidade e Planejamento Docente.** Florianópolis, 2013.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Relações entre crianças e adultos na Educação Infantil.** In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110:i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento-&catid=195:sed-educacao-basica acesso em 25 de jun. 2012.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta; LIMA, Patrícia de Moraes. **Reflexões e indicações para a construção do memorial de estágio supervisionado em educação infantil.** Florianópolis,

2012. OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2000.

RIVERO, A. S. **Da educação pré-escolar à educação infantil: um estudo das concepções presentes na formação de professores no curso de pedagogia**. Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 2001. Disponível em:
<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.anped.org.br%2FReunioes%2F24%2FT0790924392269.doc&ei=oP4sUurUFpLc8wTxyoHYDA&usg=AFQjCNEo6qoU4CZTXSr9OHNmIe-HvoG7xQ&sig2=UufvNAyleIxSgnrP-WuHlw&bvm=bv.51773540,d.eWU> Acesso em 08 set. 2013.

ROCHA, Eloísa A. C.. **Diretrizes Educacionais-Pedagógicas para a Educação Infantil de Florianópolis**. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda, 2010.

ROCHA, Eloisa Acires Candal ; OSTETTO, Luciana Esmeralda. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, Izabel Christine et al (Orgs.). **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, pp.103-116. 2008.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. Edição. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em:
http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf acesso em 25 de jun. 2012.

TRISTÃO, Fernanda. **Ser professora de bebês: um estudo de caso de uma creche conveniada**. 2004. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

VALA, Jorge (1986). A Análise de Conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (org). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2003, p. 101-128

7. ANEXOS:

Tabela dos Relatórios de Estágio – Pedagogia UFSC: Educação Infantil

ANOS 80:

ANO	FASE	TÍTULO	AUTORES	ORIENTADOR (A)	LOCAL DA REALIZAÇÃO	GRUPO E DENOMINAÇÃO
1988: Dez	Não especifica fase	Relatório de Estágio – NEI Santo Antonio de Pádua – 1º período	Eliane Emília Machado	Ana Beatriz Cerizara	Nei Santo Antônio de Pádua – Saco Grande	1º período: não especificidade das crianças.

ANOS 90:

ANO	FASE	TÍTULO	AUTORES	ORIENTADOR (A)	LOCAL DA REALIZAÇÃO	GRUPO E DENOMINAÇÃO
1992 Ago	Não especifica fase: Disciplina prática de ensino na pré-escola II	relatório de estagio de ensino pré-escolar II	Marcia Kilpp	Eloisa Rocha	jardim de infância da associação dos servidores da UFSC	pré-escola (5 e 6 anos)
1992: Ago	Não especifica fase: Disciplina prática de ensino na pré-escola II	Relatório final de estágio	Nadir Junckes da Silva	Eloisa Rocha	jardim de infância da associação dos servidores da UFSC	pre-escola (5 e 6 anos)
1992: Ago	Não especifica fase: Disciplina	Relatório de Estágio	Mareluce Gehrke	Eloisa Rocha	jardim de infância da associação dos servidores	Jardim II (5 e 6 anos)

	prática de ensino na pré-escola II				da UFSC	
1993: JUL	Não especifica fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório final da prática de ensino na pré-escola II	Benilde R. machado Pereira	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	Nível VI: 2 e 3 anos
1993 Jul	Não especifica fase: prática de ensino na pré-escola II	O trabalho pedagógico na rotina do berçário	Márcia Ramos de azevedo Jesus	Luciana Ostetto	NDI	nível II (8 meses a 1 ano)
1993: JUL	Não especifica fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório final de estágio	Marines Millinitz Hack	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	Nível VII (3 e 4 anos)
1993: Jul	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório final de estágio	Elisabete de Lourdes Osório Vargas	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	Nível IX (4 anos)
1993 Jul	prática de ensino na pré-escola	A hora do parque na pré-escola	Andrea Conceição da Silva	Luciana Ostetto	NDI	nível 8 (3 e 4 anos)

	II					
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de ensino na pré- escola II	Relatório final. Como trabalhar o jogo na pré-escola	Fabíola S. Jeremias Moure	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	Nível IX (4 anos)
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de ensino na pré- escola II	Relatório de prática de ensino II	Simoni Schaidler Rodrigues	Não especifica orientador	Jardim de Infância pré-escolar SINTUFSC	Jardim I (4 e 5 anos)
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de ensino na pré- escola II	Relatório: Pratica de Ensino II	Cristianne Brito de Araujo Merizi	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI - UFSC	Nível 10: (4 e 5 anos)
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de ensino na pré- escola II	Relatório Final	Giandréa Reuss Strenzel	Não especifica orientador	Jardim de Infância pré-escolar SINTUFSC	Pré-escola (5 e 6 anos)
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de ensino na pré- escola II	O ensino da matemática através do jogo	Adelir Pazetto Ferreira	Luciana Esmeralda Ostetto	Jardim de Infância pré-escolar SINTUFSC	Jardim II (5 anos)
1993: Jul	8ª fase: Discipli na prática de	O trabalho pedagógico na rotina do berçário	Luiza Helena Pereira Alves	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI – UFSC	Nível 1 (4 a 8 meses)

	ensino na pré-escola II					
1994: Jul	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório de atuação no estágio	Silvania Garcia	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI – UFSC	Nível 5 (2 anos)
1994 Jun:	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório Final	Rosa Batista	Ana (só especifica o primeiro nome)	NEI Judite Fernandes de Lima	Pré-escolar (5 e 6 anos)
1994: Jul	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório da prática de ensino na pré-escola	Júlia Maris Latrônico Souza	Ana Cristina Luz	Creche nossa senhora aparecida	Berçário (3 meses a 1 ano)
1994: Jul	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório de prática de ensino II	Rosilene Feliciano	Não especifica orientador	NDI – UFSC	Nível 8 (3 e 4 anos)
1994: Jun	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório de Estágio	Lilian Cristina Luz	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Fermínio Francisco Vieira	I período (4 e 5 anos)
1994: Jun	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Organização do especo e do	Andréia Augusta da	Luciana Esmeralda	NDI	Nível 9 (4 e 6 anos)

	na prática de ensino na pré-escola II	tempo na rotina da educação infantil	Silva	Ostetto		
1994: Jun	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	A linguagem verbal e sua importância no desenvolvimento infantil	Lilian Maria Brito Espíndola	Luciana Esmeralda Ostetto	NDI	Nível 4 (1 a 2 anos)
1995 Jul	8ª fase: Prática de ensino na pré-escola II	relatório de estágio	Lara da Silva Ruperti	Ana cristina Castro Luz	NEI judite Fernandes e Lima	I período (3 e 4 anos)
1995 Jun	8ª fase: Prática de ensino na pré-escola II	Em busca de diretrizes para o trabalho pedagógico na educação infantil: a linguagem, as interações e o jogo	Alessandra Bértoli; Susana Santana Pôrto Carioni	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold - Costeira	II período (4 e 5 anos)
1995	8ª fase: Prática de ensino na pré-escola II	Questões sobre planejamento infantil: 3º período	Andréia matos	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche nossa senhora aparecida	II período (4 e 5 anos)
1995: Jun	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Relatório Final	Alessandra Garcia Campos	Ana Cristina Castro Luz	NEI Judite Fernandes de Lima – Saco Grande I	II período (4 e 5 anos)
1995: Jun	8ª fase: Disciplina na prática	Em busca de diretrizes para o trabalho pedagógico na	Deonisia Azelir Florentino	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold -	I período (3 e 4 anos)

	de ensino na pré-escola II	Educação Infantil: a linguagem, as interações e o jogo.			Costeira	
1995: Jun	8ª fase: Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Uma proposta pedagógica para o berçário	Graziela nascimento Esteves; Luciana Manzolli.	Leila Andréia S. Martins	Creche Ferminio Francisco Vieira	Berçário
1995: Dez	Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Entre limites e possibilidades: a construção de um trabalho pedagógico com o berçário II (o trabalho pedagógico com crianças de 0 a 4 anos: dos limites às possibilidades Volume 2)	Claudinéia Alzira da Silva; Marluci Guthiá	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold - Costeira	Berçário II (1 e 2 anos)
1995: Dez	Disciplina na prática de ensino na pré-escola II	Dos limites Às possibilidades no maternal I: a trajetória do desafio (o trabalho pedagógico com crianças de 0 a 4 anos: dos limites às possibilidades Volume 3)	Nelzi Flor; Sandra Maria Milan da Silva.	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold - Costeira	Maternal 1 (2 e 3 anos)
1995: Dez	Não especifica fase – Disciplina de Prática de Ensino II.	Relatório final	Cristiane Duarte; Lisiane Rzatki	Rosa batista	Creche Fermínio Francisco Vieira	Maternal I (1 e meio a 2 e meio)
1995:	Não especifica fase –	Muito além das palavras: o texto com contexto nos possíveis	Sonia Alves; Nahdja Anderson	Ana Cristina Luz e Eliane Debus	NEI Judite Fernandes de Lima	Pré-escola: 5 e 6 anos

	Disciplina de Prática de Ensino II.	caminhos da literatura infantil				
1995: Jun	8ª fase: Disciplina de Prática de Ensino II.	Relatório de estágio	Gilmara Hilda de Lisboa	Ana Cristina Luz	NEI Judite Fernandes de Lima	II período
1995: Dez	Não específica fase – Disciplina de prática de ensino da pré-escola	Uma nova reflexão sobre a proposta pedagógica de 0 a 3 anos “enfazizando a interação, o jogo, a linguagem e o espaço na prática educativa de educação infantil.	Analuiza H. Lima; Fátima R. S. Meira	Rosa batista	Creche Nossa Senhora Aparecida	Maternal I (1 a 2 anos)
1995	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	Relatório da prática de ensino na pré-escola “reflexões sobre uma proposta pedagógica para crianças de 0 a 3 anos em creches”	Cláudia Maria Turnes; Danny Mery de Souza	Luciana Esmeralda Ostetto	Nossa Senhora Aparecida	Maternal I (1 a 2 anos)
1995 Nov	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	relatório final	Giselle Avila; Sandra de melo	Rosa batista	Creche ferminio Francisco Vieira	pré-escola (3 e 4 anos)
1995: Nov	Não específica fase	Uma nova reflexão sobre a proposta	Patricia Machado de Souza	Rosa batista	Creche Nossa senhora	Berçario (8 meses a 1 ano)

	– Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	pedagógica de 0 a 3 anos “enfazizando a interação, o jogo, a linguagem e o espaço na prática educativa de educação infantil.			Aparecida	
1995:	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	Uma nova reflexão sobre a proposta pedagógica de 0 a 3 anos: enfatizando a interação, o jogo, a linguagem e o espaço na prática educativa de educação infantil	Dalanea Cristina Flor; Sirlei de Oliveira	Rosa Batista	Nossa senhora aparecida	Maternal II (2 a 3 anos)
1995	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	O trabalho pedagógico com crianças de 0 a 4 anos: dos limites às possibilidades	Cristiane da Cunha	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Monsenhor Frederico Hobold	Berçário I (6 meses a 1 ano)
1997: Jul	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola I.	Cotidiano Infantil: olhares em busca de um novo caminho	Andréa dos Santos Silveira; Catarina Krueger; Crissula Karagiannis; Margarete Luiz; Maria Aparecida Vieira; Sidnéia A. da Silva; Valdéria A. Vieira.	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Orlandina Cordeiro	MI, MII, IP e IIP (2 a 4 anos)
1997: NOV	Não específica fase –	Artes, contos e fantasia. Partilhando do processo de	Cristiane Vignardi; Mariza Hubert	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Dona Cota - Abraão	II período (não especificidade)

	Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II.	construção da identidade do Grupo do II Período	Domingues			
1997: NOV	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II.	Brincando, Cantando, Dançando	Janete Aparecida de Oliveira; Márcia Regina Souza Rosa.	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Dona Cota - Abraão	Maternal I - 2 a 3 anos
1997: Nov	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	Cotidiano Infantil: olhares em busca de um novo caminho no maternal I	Andréa dos Santos Silveira; Catarina K. Rodrigues	Ana Beatriz Cerisara	Creche Orlandina Cordeiro	Maternal I (2 e 3 anos)
1997: Nov	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	A criança como sujeito no processo de construção do conhecimento	Josiane Amaral Vieira; Simone Carminatti	Ana Beatriz Cerisara	Creche Joaquina Maria Peres	Maternal I (2 e 3 anos)
1997: Jun	Não específica fase – Disciplina de Prática de	Trabalhando a linguagem, a interação e o jogo no cotidiano da educação infantil (volume II)	Luciana Gerardi; Viviane Sousa da Costa	Ana Beatriz Cerisara	Creche santa Terezinha do menino Jesus	I período (4 e 6 anos)

	Ensino na Pré-Escola II					
1997: Nov	Não específica fase – Disciplina de Prática de Ensino na Pré-Escola II	A criança no cotidiano infantil: ampliando e construindo conhecimentos	Gabriela Born Jaeger; Janina Stumm Moritz	Ana Beatriz Cerisara	Creche Joaquina Maria Peres	II período (5 e 6 anos)
1999: Nov	Estágio Supervisionado em Educação Infantil II	Engatinhando, desfraldando e andando: vamos construir uma nova casa?	Rita de Freitas B. Cardoso; Zulma Franz Matias	Patricia Dias Prado	Creche Fermínio Francisco Vieira	Berçário (1 a 2 anos)
1999	8ª fase: estágio supervisionado II	Aventuras no mundo do conhecimento – um resgate à imaginação	Emanuelle Kriek; Janaina; Janaina Da S. Joao	Patricia Dias Padro	Creche Fermínio Francisco Vieira	I período (4 e 5 anos)

ANOS 2000:

ANO	FASE	TÍTULO	AUTORES	ORIENTADOR (A)	LOCAL DA REALIZAÇÃO	GRUPO E DENOMINAÇÃO
2001	8ª fase: estágio supervisionado II	Organizando o espaço: possibilitando interações	Aline vasconcelos Marques; Claudia C. A. da Silva; Marlise M. Rech; Zenilda Z. Scalvin	Cristiana de França Chiaradia	Creche São Francisco de Assis	BI, BII, GTII e GTVI (0 a 5 anos)
2001	8ª fase: Estágio Supervisionado em	Resignificando e construindo espaços para cultura infantil na creche	Alcionira V. Nedochetko; Claudia M. Radetski; Gisele I.	Alessandra Mara Rotta de Oliveira	Creche Fermínio Francisco Vieira – Córrego	Maternal II (não especificidade das crianças)

	educaçã o infantil II.		Clemente; Juliana da Matta Ribeiro; Sabrina R. Coelho; Susana Soldi; Veronica F. A. da Silva.		Grande	
2001: JUL	8ª fase: Estágio Supervi sionado em educaçã o infantil II.	Ensaioando as múltiplas linguagens na educação infantil	Adriana S. Beccari; Cintia L. A. Nascimento; Cristina D. Losso; Josimere F. pereira; Juliana D. Ferraz; Marcia M. G. V. de Lima; Neliane Junckes.	Andréa Simões Rivero.	Núcleo de Desenvolvi mento Infantil – NDI	6A, 6B, 7A e 7B (não especifica idade das crianças)
2002 Dez	8ª fase estagio supervi sionado II em educaçã o infantil	observações e registros na educação infantil	Caroline da Silveira; Caroline Feix; Gipsy Santos; Rejane Petry	Eloisa Rocha	NDI	G1 a G3 (4 meses a 3 anos)
2002	8ª fase: estágio supervi sionado II	A infância enquanto tempo de direitos	Cristiane marques; Deborah Sayão; Dione R. S. Andrade; Elisa Sonagli; Fernanda Scheuer Blum; Gabriela Handel; Luciani S. Souza; Nádia G. Mendes; Patrícia laureano; Raquel Pires; Simone Maria Ávila; Viviane	Deborah Sayão	Creche Santa Terezinha do menino Jesus	Berçario ao III Período (0 a 3 anos)

			Pereira.			
2002 Maio	8ª fase: estágio supervi sionado II	interação: chegou a hora da ação!	ana paula galvao; Carla C. da Silva; Caroline de Aguiar; Fabiola F. da Costa; Joelma H. da Silva; Joseane de Souza; Juliana P. Goncalves; Laura S. Ribeiro; Mariana O. Prado; Nicolle V. da Rosa; Renata Vieira; Rosana T. Ramos	Cristiana de França Chiarardia	NDI	G1 a G7
2003: Fev	8ª fase: Estágio em Educaç ão Infantil (não denomi na se I ou II)	Relatório do Estágio de Educação Infantil realizado na Creche Vila Cachoeira	Kênia Andresa Scarduelli; Liliany Cristina Goedert.	Ana Beatriz Cerisara.	Creche Vila Cachoeira – Saco Grande,	Turma Primeiro Período: 4 e 5 anos de idade.
2003: Fev	8ª fase: Estágio em Educaç ão Infantil (não denomi na se I ou II)	Conhecendo as crianças em interação: o registro como caminho.	Juliana Souza; Millene Silva; Rute da Silva; Tatiana da rosa.	Eloísa Candal Rocha	NDI - UFSC	4A, 4B (4 anos), 5A, 5B (5 anos).
2003: Fev	8ª fase: Estágio Supervi sionado em educaçã o infantil II.	Caminhar para Construir	Camila Nunes Bressan; Taise Helena Burigo.	Ana Claudia da Silva	NDI - UFSC	Grupo I (4 meses a 9 meses)

2003: JUL	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Fios e Desafios de um Estágio	Daniela de Jesus; Raquel Andrade.	Josiana Piccolli	Waldemar da Silva Filho - Trindade	Berçário I (3 meses a 1 ano e 3 meses).
2003: JUL	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Um novo olhar está lançado para a criança e a infância	Geisa Pires; Gisele Pitz.	Josiana Piccolli	Waldemar da Silva Filho - Trindade	II Período (4 e 5 anos)
2003: Ago	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Conhecendo os Universos Infantis através dos registros e observações	Cristiane Mara Seidler; Luciana Souza.	Josiana Piccolli	Waldemar da Silva Filho - Trindade	I Período (3 e 4 anos)
2003: Dez	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Relatório de estágio no Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI	Cléo Carvalho da Silva; Mariana Júlia da Luz	Ana Claudia Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 5A– 4 e 5 anos de idade.
2003: Dez	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Grupo Lua e suas manifestações	Mônica Feitosa de carvalho; Simone Pereira de Lima	Ana Claudia Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 7A: 5 anos e 7 meses a 6 anos e 7 meses de idade.
2003:	(não específica a fase) Estágio supervi	Trocando Experiências	Ana Paula Papa Gonçalves	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho - Trindade	Berçário II – 1 ano e meio a 2 anos e meio.

	cionado na habilitação em educação infantil.					
2003 Jul	8ª fase estágio supervisionado II	Relatório de Estágio realizado na creche vila cachoeira	Elaine Pinheiro; Miriam Erotides Sodre	Rosa batista	creche vila cachoeira	não especifica idade nem nome do grupo
2003 Fev	8ª fase estágio supervisionado II	Ansiedades e alegrias frente ao estágio de educação infantil	Maria de fatima Souza Michelin; Mayra Fernanda dos Prazeres.	Ana beatriz Cerisara	creche vila cachoeira	II periodo (5 e 6 anos)
2003	8ª fase estágio supervisionado II	Relatório de Estágio	Beatriz Massaud; Zoleima Pompeo Rodrigues	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho	Maternal II (3 e 4 anos)
2004: Fev	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Relatório de Estágio: Grupo 7B vespertino – Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)	Ana Carolina Lehmkuhl; Gabriela caldeira de Andrada.	Ana Claudia Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 7B: 5 e 6 anos de idade.
2004	8ª fase: estágio supervisionado em educação infantil II	As brincadeiras das crianças	Andréia Maestri; Anelise B. Southier; Damiana A. Silva; Giselle S. dos santos; Heloisa Nietsche; Lucia helena L. Fernandes; Luciana Martins; Kizzy B. Seemann; Nayana Rocha.	Katia Agostinho	Creche Nossa Senhora Aparecida	Maternal II (não especifica idade)
2004:	8ª fase: estágio	Como reflexo no espelho:	Flávia Scarpelli	Angela M. S. Coutinho;	Creche Waldemar	Maternal II: não

	supervisionado em educação infantil II	imaginação e brincadeira através do elemento novo	Leite; Júlia Azevedo Machado	Josiana Piccolli; Eloisa Rocha	da Silva Filho – Trindade	especifica a idade
2004: Jul	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	As diferentes linguagens das crianças	Andressa Sardagna Sudoki; Flávia Meyer Cardoso.	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho – Trindade	Berçário I (4 meses a 1 ano)
2004:		Uma história eu vou contar, preste muita atenção	Angélica conceição Vieira Correa; daiana Santana Rosa.	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho – Trindade	II período: não especifica a idade.
2004: Jan	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Relatório do estágio Supervisionado na Educação Infantil II	Marinês Jaqueline Schnorrenberger	Ana Claudia Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 6B: não especifica a idade.
2004: Fev	8ª fase: Estágio Supervisionado em educação infantil II.	Relatório de Estágio: Núcleo de Desenvolvimento Infantil	Daniele Porres Silveira; Mariana Peluso.	Ana Claudia Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 4B: 3 e 4 anos de idade
2004: Dez	8ª fase: Estágio II em Educação Infantil.	Refletindo sobre a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na educação infantil.	Juliana Mere Silva; Lurdete Castelan Novicki	Deise Arenhart	Creche Professora Orlandina Cordeiro – Monte Verde.	Não especificou o nome do grupo. Idade entre 5 e 6 anos.
2004:	8ª fase: Estágio Supervi	A organização do espaço como propulsora da	Cristina Polli da Silva Milis; Marcia	Ângela S. Coutinho; Josiana Piccolli,	Creche Waldemar da Silva	Berçário II: 1 e 2 anos de idade.

	sionado II	brincadeira.	Regina Rovaris.	Eloísa Acires C. Rocha.	Filho	
2004: Fev	8ª fase: Estágio supervisionado II.	Relatório de estágio realizado no Núcleo de Educação Infantil Carianos.	Ana Paula Faustino; Carla Suzana Dancona Melgarejo Backer; Eleonora Vieira Pacheco.	Sônia Fernandes	NEI Carianos – Carianos	II período B: não especifica a idade das crianças.
2004: Jun	8ª fase: Estágio II em Educação Infantil.	Os mundos da educação infantil	Fernanda Ferminiano Fraga; Raquel Alaide Lima Ventura Batista.	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho – Trindade	Maternal IA: não especifica a idade das crianças.
2004: Jan	8ª fase: Estágio II em Educação Infantil.	Relatório de Estágio realizado no núcleo de desenvolvimento infantil (NDI)	Danielle Ruiz de Lacerda; Juliana Gil Reis.	Ana Cláudia da Silva	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Não especifica grupo (4 e 5 anos)
2004 Fev	8ª fase: Estágio II em Educação Infantil.	Relatório final de estágio realizado no NEI Carianos	Ana Paula Vansuita; Fernanda Silva	Sônia Fernandes	Nei Carianos	III Período (5 a 7 anos)
2004: Dez	8ª fase: habilitação em educação infantil	A relevância da brincadeira de faz de conta na socialização das crianças	Estela M. Provesano; Juliana C. Kalfeltz.	Angela S. Coutinho; Josiana Piccolli; Eloisa Rocha	Não especifica instituição	3 e 4 anos (não especifica grupo)
2004 Fev	8ª fase: habilitação em educação infantil	Relatório de Estágio	Camila A. P. da Costa; Isabela Pereira.	Sônia Fernandes	Nei Carianos	I período (4 e 5 anos)
2004: JUL	8ª fase: habilitação em educação infantil	A criança e suas expressões	Graziela R. Krás; Irma Wasen.	Josiana Piccolli	Creche Waldemar da Silva Filho – Trindade	Berçário II (não especifica a idade)
2005:	8ª fase – Estágio	A linguagem do faz-de-conta em uma turma de	Amanda Claudino Gorges;	Não especifica orientador (artigo)	NEI Coqueiros	Maternal (3 anos)

	supervisionado em educação infantil II	maternal	Cristina Cardoso Rodrigues.			
2005 Jun	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	(artigo) O Lúdico na educação infantil: a importância do brincar	Monique Gevaerd Diniz	Nilva Boneti	Nei Coqueiros	(não especifica grupo) 3 e 4 anos
2005	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	(artigo) Aladim e a lâmpada maravilhosa. O teatro como proposta de interação infantil	Cintia Olegário Nunes; Tatiane Alexandre.	Não especifica orientador (artigo)	NDI	G6 A (4 e 5 anos)
2005:	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	(artigo) Na busca pela construção de um olhar sensível para as crianças: um encontro com a complexidade de suas relações	Geane de Aquino; Roseli Helena da Silva Fernandes	Deise Arenhart	NDI	Grupo 7B (5 e 6 anos)
2005	8ª fase: estágio supervisionado II	(artigo) A interação entre as crianças na instituição de educação infantil: uma vivência através da brincadeira, da imaginação e da música	Benilda Pereira de Moraes; Miriam Horst do nascimento	Nilva Bonetti	NEI Coqueiros	G4 (4 e 5 anos)
2005	8ª fase: estágio supervisionado	O faz de conta e o desenvolvimento cultural da criança	Denise Baptista Boppre; Shirley M.	Nilva Misbonetti	NEI coqueiros	III período (nao especifica idade)

	II		dos Reis Rodrigues			
2005: Dez	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Crianças, Infâncias e Brincadeiras: encontro no espaço-tempo da creche.	Andréa Sueli Ferreira; Andressa L. Bona; Daniela D. Campos; Denise ferreira; Fabiana de Souza; Ingrid Fernandes; Juliana F. de Medeiros; Morgana T. Bamaletti; Nadja S. de Souza; Renata R. Nascimento; Teresa Sofia P. C. Silva	Ângela Scalabrim Coutinho	Creche Dona Cota – Abraão	Grupo II – 2 anos de idade. Grupo III – 2 a 3 anos de idade. Grupo IV – 3 e 4 anos de idade. Grupo V -4 e 5 anos de idade. Grupo VI – 5 e 6 anos de idade. Grupo VII - 6 e 7 anos de idade.
2005:	8ª fase: Estágio Supervisionado II.	A importância dos “Cantinhos Temáticos” nos espaços da educação infantil.	Núbia Maria Corrêa	Nilva Benetti	NEI Coqueiros - Coqueiros	1º período: 3 e 4 anos de idade.
2006 Ago	8ª fase: Estágio Supervisionado II.	Manifestações infantis - reflexões para uma prática que possibilite as múltiplas linguagens, brincadeiras e interações no cotidiano das crianças pequenas.	Andreza S. Ferreira; Camila B. Souza; Cristiane J. Goncalves; Daiana Souza; Daiana mendes Pereira; Debora A. Antonio; Elaine B. lopes; Gislaine K. Joao; Jakeline O. Michels; janini S. Rodrigues; Marilene L. Santos; Mariselle	Arlete de Costa Pereira	Creche orlandina Cordeiro	G3 a G7 (3 a 6 anos)

			Matjie; Michelli S. F. Lima; Taisy R.Delgado			
2006	8ª fase: Estágio Supervi sionado II.	Vivencias de estágio no núcleo de desenvolvimento infantil: a infância em foco	Camilly Soares; Aline Vieira; Lilian Maria Santana; Graziela Pereira da Conceição; Luciana Maria C. Machado; Juliana Machado; Kamilla Bittencourt; Priscilla Machado; Denise Martins; Vânia R. Ferreira; Lídia Erdmann; Graziela da Silva; Samara Maria João	Eloisa Acires Candal Rocha	NDI	2, 3A, 3B, 4B, 5B, 6A, 7A e 7B (10 meses a 6 anos)
2007	8ª fase estagio supervi sionado II	Era uma vez o lixo que virou brinquedo... nas mãos das crianças da creche Dona Cota	Rafaela de Oliveira; Rafaella Scheidt Alves	Deise Rateke	Dona Cota	G5 (3 e 4anos)
2007: Fev	8ª fase – habilita ção em Educaç ão Infantil	Uma Grande Viagem pelos Rumos da Educação Infantil: Contando Experiências Vividas na Creche.	Cristina Dias Rosa; Elisandra Silva Lopes.	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Nossa Senhora Aparecida – Pantanal	Maternal I: 2 a 3 anos de idade.
2007:	8ª fase: Estágio supervi sionado em educaçã o infantil	Brinquedos, brincadeiras e histórias: relatando as experiências do estágio de coordenação na educação infantil	Daniela Mara Martins; Daniele Carvalho dos Santos	Deise Rateke	Dona Cota	G5 (5 e 6 anos)

	II					
2007	8ª fase estagio supervisionado II	O trabalho musical e o desenvolvimento das múltiplas linguagens: o berçário em foco	Anne marie Tribess Onesti	Deise rateke	Creche Dona Cota	G1
2007	8ª fase estagio supervisionado II	A descoberta da magia da educação infantil	Ana Amalia V. D`avila; Francinni Arruda.	Deise rateke	Dona Cota	GIII (2 e 3 anos)
2007 Fev	8ª fase estagio supervisionado II	Refletindo sobre a importância das crianças expressarem-se nas mais variadas formas	Daniela Kalfeltz; Elayne Fernandes da Rosa Kovaleski	Luciana Ostetto	Creche nossa senhora aparecida	Misto II (5 e 6 anos)
2007 FEV	8ª fase estagio supervisionado II	refletindo a história vivida: a sensibilização do movimento, do olhar e da escuta.	Juliana Zanini; Rachel W. Leite	Luciana Ostetto	Creche nossa senhora aparecida	Maternal II (3 e 4 nos)
2007: Fev	8ª fase – habilitação em Educação Infantil	Navegando pelo desconhecido: o misterioso mundo dos bebês	Andressa Celis Souza; Vanilda Weiss	Luciana Esmeralda Ostetto	Creche Nossa Senhora Aparecida – Pantanal	Berçário (não especifica a idade)
2007	8ª fase estágio supervisionado II	relatório de estagio histórias vividas com o grupo IV da creche Dona Cota	Gabrielle Borba da Silva; Mariana Prazeres da Luz	Deise Rateke	Creche Dona Cota	GIV (3 e 4 anos)
2008: Jul	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Socializando a prática de estágio: o observado e o vivido na Creche Irmão Celso	Bruna da Silva; Bruna M. C. Martins; Camila A. Becker; Elizete Ruschel; Graziella R. Costa; Illa B. Tucci; Lara C. Cunha; Mara Rúbia P. Fernandes; Marcela C. Z.	Adilson De Angelo	Creche Irmão Celso - Agronomica	BII (1 a 2 anos), Maternal I (2 e 3 anos), Maternal II (3 e 4 anos), I período (4 e 5 anos) e II período (5 e 6 anos)

			de Andrade; Mariana G. da Costa			
2008:	8ª fase – Estágio supervi sionado em educaçã o infantil II	Ampliando a vivência da brincadeira e a interação das crianças no cotidiano da educação infantil	Daisy Fernanda Alves Fernandes; Rogéria Kuhn da Silveira.	Patrícia de Moraes Lima	Creche Almirante Lucas Boiteux – Centro.	G3B: 2 anos e 9 meses à 3 anos e dois meses.
2009:	8ª fase – Estágio supervi sionado em educaçã o infantil II	Compartilhando experiências e ampliando saberes em um espaço da educação infantil.	Alexandra Francesca Ferro; Ana Paula M. Botelho; Ana Paula Maria; Angela Dirce V. Magliocca; Daniela Amélia M. Constantino; Daniela Regina de Souza; Fernanda Araujo Barrichello; Francine Amaral de Souza; Juliane Tomasi; Josiane Peres da Silva; Maraisa Pires de Moraes; Mariana Silveira S. Rosa; Michele Andresa de Matos; Pamela de Arruda.	Moema de Albuquerque Kiehn.	Creche Waldemar da Silva Filho	G1A(6 meses a 1 ano e 2 meses), G2A, G2B, G3B, G5/6A.
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervi	Educação Infantil: um espaço para interações, linguagens e	Graziele M. Ribeiro da Silva; Hagabi Jesus Mattos	Alessandra Mara Rotta de Oliveira; Eloisa Acires Candal	Núcleo de Desenvolvi mento Infantil –	Grupo 3A (1 ano e 7 meses á 2 anos e 7 meses).

	sionado em educação infantil II	imaginação		Rocha.	NDI – UFSC.	
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Criança, som e movimento	Joana Batista da Silva Araujo; Marta Honorota dos Santos Almeida.	Alessandra Mara Rotta de Oliveira; Eloisa Acires Candal Rocha	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 7B (6 anos)
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Conhecendo, Brincando e criando com museus no contexto da educação infantil	Dilma Verruck, Lucimara Rosa Marcelino.	Alessandra Mara Rotta de Oliveira; Eloisa Acires Candal Rocha	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 5B (3 a 4 anos)
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Os espaços (re)pensados: momentos e vivências com os bebês.	Elizabeth Melilo de Souza; Kátia Regina Fraga.	Alessandra Mara Rotta de Oliveira	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	G1 (3 a 8 meses)
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Descobertas e aprendizagens com os bebês	Fabiana de Lima pereira; Francine Trindade da Silva Rabelo.	Alessandra Mara Rotta de Oliveira; Eloisa Acires Candal Rocha	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	G2A – 1 ano a 1 ano e 4 meses
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado	Compartilhando as vivências de estágio realizadas na creche do H.U	Ana Carolina Mosimann; Camila de Oliveira; Elaine	Márcia Buss Simão	Creche H.U. - UFSC	I período (5 meses a 1 ano e 4 meses); II período (1 a 2 anos);

	em educação infantil II		Cunha; Fabíola Matos; Fabiola V. da Rosa; Fernanda Brand; Gabriela S. Forte; Grace C. de Medeiros; Karine Quint; Lizyane dos Santos; Luana Koerich; Luana Martins Andrade; Natalia Soares Oliveira; Sabrina Dantas.			III período (1 e 8 meses a 3 anos); IV período (3 anos); V período (4 e 5 anos); VI período (5 e 6 anos).
2009: JUL	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Refletindo sobre a educação das crianças pequenas a partir de experiências sensíveis	Edinara Fernanda Werner; Thaiana dos Santos Farias	Alessandra Mara Rotta de Oliveira; Eloisa Acires Candal Rocha	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	G2B (1 ano e meio a 2 anos)
2009: DEZ	8ª fase – Estágio supervisionado em educação infantil II	Relatório de Estágio em educação infantil: Creche Chicomendes	Alicia Aliano; Amanda M. Batista; Camilla Sarda; Daiane Menezes da Rocha; Fernanda de Souza Espindola; Ivete Aparecida da Silva; Mariana Fontanezi de Moraes	Patrícia de Moraes Lima	Creche Chico Mendes – Monte Cristo.	(3 a 5 anos)

			Fabrica; Mariê Luise Campos; Marielly Souza dos Santos; Michele Ribeiro Goulart.			
2010: JUN	8ª fase – Estágio supervi sionado em educaçã o infantil II	Era uma casa...	Não especifica nomes. Somente fala que foi um projeto realizado por todas as alunas da fase.	Vanda Moro Minini	Creche Nossa Senhora de Lurdes.	Projeto coletivo
2010: JUL	8ª fase – Estágio supervi sionado em educaçã o infantil II	Cantando, contando e recontando histórias... Grupo 3: ação e imaginação.	Arline da Silveira; Carolina de Oliveira.	Vanda Moro Minini	Creche Nossa Senhora de Lurdes.	Grupo 3 (não especifica a idade)
2010: Dez	(não relatam a fase) Discipli na de Estágio Supervi sionado II em Educaç ão Infantil	Experiências junto às crianças do NDI: Uma Viagem ao Universo das Relações, Brincadeiras e Imaginação Infantil	Dayana de Souza; Francieli Alves da Sijó; Juliana Eleutério Ribeiro; Iva; Jacqueline Ramos Rodrigues; Juliana Catherine Feijó; Juliana Eleutério Ribeiro; Nathalia Reitz Francener; Roseana Roecker; Tamiris Brasil.	Juliane Di Paula Queiroz Odinimo	Núcleo de Desenvolvi mento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 1 - 10 meses à 1 ano; Grupo IIB - 1 ano a 2 anos e meio; G5A - três anos e meio a quatro anos. G6 - 6 anos.
2010:	8ª fase -	Vamos brincar?	Adriana	Vanda Cristina	Creche	Não

Jun	Disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil II	Possibilidades e Estratégias de Interação entre as Crianças a partir das Múltiplas Linguagens.	Aparecida biranoski; Fabíola Louise Engelmann.	Moro Minini	Nossa Senhora de Lurdes – agrônômica.	especificou a denominação do grupo. 3 anos e meio a 4 anos de idade.
2010: jun	Disciplina de Estágio Supervisionado II em Educação Infantil	Adultos e Crianças construindo significados num mundo de linguagens: experiências de estágio na Creche Anjo da Guarda.	Adriana Arminda de Souza; Carla do Rosário; Fayga Cristina Silva Camissão; Giovana Ranucci Ramos; Isabela Cristina Germanovix; Janaína Nunes; Lorena Janczak Tavares; Márcia Iara Dias Geraldi, Marcos José Oliveira Silva.	Juliane Di Paula Queiroz Odinimo	Creche Anjo da Guarda - trindade	G1: 4 meses à 1 ano. G2/G3B: 2 anos a 3 anos de idade. G3/G4: 3 anos a 4 anos de idade. G4: 3 anos a 4 anos de idade.
2010: Jun	8ª fase: habilitação em educação infantil. Disciplina Estágio Supervisionado II.	Animais do Mundo: Conhecendo com as crianças os animais alvo de nossa curiosidade e especificidades.	Vanessa marina Moreira; Vanessa	Vanda Moro Minini	Creche Nossa Senhora de Lurdes – agrônômica.	G5B: 4 e 5 anos de idade.
2010: Dez	8ª fase: habilitação em educação infantil. Disciplina	SEI-HU e estágio supervisionado de educação infantil: espaços de crianças e infâncias	Aline A. da Silva; Ana Sarah Ribeiro; Camille Escorsim; Greice de	Vanda Moro Minini	SEI – HU	II período: 1 ano e 1 mês a 1 ano e 9 meses. III período: 1 ano e 10 meses a 2

	na Estágio Supervi sionado II.		Souza; Jéssica Helena S. de Abreu; Maria Dal Prá; Vanessa Lúcia Coelho.			anos e 8 meses. IV período: 2 anos e 9 meses a 5 anos e 7 meses. Grupo Intermediário :3 anos e 9 meses a 5 anos e 7 meses.
2010:	8ª fase: Estágio Supervi sionado em Educaç ão Infantil II	Imaginação: Diversificando experiências para subsidiar a imaginação	Juliane Mendes Rosa La Banca; Raquel de Melo Giacomini.	Arlete de Costa Pereira.	Creche Waldemar da Silva Filho	G5A (4 e 6 anos)
2010: JUN	8ª fase: Estágio Supervi sionado em Educaç ão Infantil II	Relatório de Estágio	Fernanda Napoleão Gilioli; Fernanda Vicente de Azevedo.	Vanda Moro Minini.	Creche Nossa senhora de Lurdes	G4B (3 e 4 anos)
2010: JUN	8ª fase: Estágio Supervi sionado em Educaç ão Infantil II	Contos e Recontos	Paula H. Vieira Markus; Thais Mery Vieira.	Vanda Moro Minini.	Creche Nossa senhora de Lurdes	Não especifica o grupo (5 anos de idade).
2010: Nov	Estágio Supervi sionado em educaçã o infantil I	Relatório final de estágio supervisionado em educação infantil I	Maryanne Luz; Sabrina M. Gouveia	Roselane Fátima Campos	Creche Santa Terezinha do menino Jesus	Grupo VI (5 e 6 anos)
2010: Dez	Estágio Supervi sionado	Relatório das atividades de estágio	Amanda de Lara Posich; Jamina	Roselane Fátima Campos	Creche Santa Terezinha	Grupo III (3 a 4 anos)

	em educação infantil I		Rocha Silva		do menino Jesus	
2011:	8ª fase: Estágio Supervisionado em Educação Infantil II	Vivendo a Infância e Experienciando os Sentidos	Francine de Lira Mariot; Mônica Cechinel.	Arlete de Costa Pereira.	Creche Waldemar da Silva Filho	G4B (3 e 4 anos)
2011: NOV	8ª fase: Estágio Supervisionado em Educação Infantil II	É tempo de brincar. Organizando o espaço para a brincadeira	Alana Rodriguez Lisbôa, Alexandra Graziela Zen de Andrade.	Arlete de Costa Pereira.	Creche Waldemar da Silva Filho	G5 (5 e 6 anos)
2011:	8ª fase: Estágio Supervisionado II.	Estágio obrigatório na educação infantil – conhecendo e explorando os universos infantis	Bruna Regina C. Moreira; Daniela T. Rita; Denise A. Giavoni; Flavyelle A. M. Boppré; Heidy Dacoregio Kemper; Rúbia V. Demetrio; Saskya Carolyne Bodenmuller.	Kátia Adair Agostinho	SEI/HU - UFSC	Crianças entre 1 ano e 6 meses à 5 anos.
2011: JUL	8ª fase: Estágio Supervisionado em Educação Infantil II.	Experiência na Educação Infantil: Reflexões a partir da resignificação de enredos no cotidiano infantil. Um estudo realizado no NDI-UFSC.	Bruna Gonçalves de Souza; Cristina Silveira Santos	Juliane Di Paula Queiroz Odinino; Kátia Agostinho	Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI – UFSC.	Grupo 3B
2011:	8ª fase: Estágio Supervisionado	Relatório de estágio: desenvolvido no Núcleo de	Débora Borba da Silva; Gisele Ritta e	Juliane Di Paula Queiroz Odinino	Núcleo de Desenvolvimento Infantil –	Grupo 5: (4 anos)

	em educação infantil II.	Educação Infantil: NDI	Silva.		NDI – UFSC.	
2012	7ª fase currículo 2009/1	Memorial de práticas pedagógicas na educação infantil	Arlene Dalila Gonzaga; Flavia Luciana Cadorim	Adilson de Angelo	Creche ferminio Francisco Vieira	G4 (3 e 4 anos)
2012	7ª fase currículo 2009/1	Experimentando a docência: o encontro com as crianças	Amanda Prado; Thaiza Wilwert; Vivian Shimizu	Adilson de Angelo	Creche ferminio Francisco Vieira	G2 (1 a 2 anos)
2012:	7ª fase: Educação e Infância VII Estágio em Educação Infantil	Estágio Supervisionado em Educação Infantil	Francielle Aparecida Américo; Valquíria Silva do Lago	Patrícia de Moraes Lima	Creche Chico Mendes – Monte Cristo	G3 (3 e 4 anos)
2012:	7ª fase: Educação e Infância VII Estágio em Educação Infantil	Quem tem medo do lobo mau? Práticas pedagógicas com o Grupo G2	Gislaine de Souza; Mariana da Silva.	Patrícia de Moraes Lima	Creche Chico Mendes – Monte Cristo	G2 (2 anos)
2013 Fev:	7ª fase currículo 2009/01	Fazendo Arte: Enriquecendo Repertórios	Bianca Ferreira da Silva; Cíntia Oliveira Fernandes	Juliana Schumacker Lessa.	Creche Irmão Celso	G4 (3 e 4 anos)
2013 Fev	7ª fase currículo 2009/01	Estágio na Educação Infantil: Primeiros passos. Primeiras memórias.	Rafaela Azevedo de Souza; Virgínia Monteiro de Araújo.	Juliana Schumacker Lessa.	Creche Irmão Celso	G1 (4 meses a 1 ano e 6 meses)
2013 Fev	7ª fase currículo 2009/01	Experimentando a profissão, conhecendo sensações, contando e	Amanda Rodrigues; Maria Luiza de Souza e Souza.	Juliana Schumacker Lessa.	Creche Irmão Celso	G3 (3 à 4 anos)

		dividindo experiências.				
2013 Fev	7ª fase currículo 2009/01	Estágio na Educação Infantil: Creche Irmão Celso	Bruna Luiza Souza Rodrigues; Emiliane Barros da Silva.	Juliana Schumacker Lessa.	Creche Irmão Celso	G2 (1 a 2 anos)
2013 FEV	7ª fase currículo 2009/1	Ensaio a docência com os bebês. experimentações na creche chico Mendes	Priscilla Silveira de Azevedo; Samantha Santos Mendes	Patricia de Moraes Lima	Creche chico mendes	G1
2013 fev	7ª fase currículo 2009/1	Fruições Estéticas pelos caminhos da lagoa: a arte de se comunicar	Gesse Adrion Valente; Thayse Albino Magalhães.	Katia Agostinho	NEI Orisvaldina Silva	G6 (5 e 6 anos)
2013	7ª fase currículo 2009/1	Entrelinhas, saberes e cores: vivências, sorrisos, texturas, cores e sabores do estágio na educação infantil	Alini Zanini Brighenti; Ana Paula Vieira Barcelos	Katia Agostinho	NEI Orisvaldina Silva	G2 (1 a anos)
2013 Fev	7ª fase currículo 2009/1	Imaginar, criar, recriar e ampliar o pensamento a partir da criança	Dayse Maria Correa; Mirela Correa	Juliana Lessa	creche irmao celso	G6 (5 e 6 anos)
2013 fev	7ª fase currículo 2009/1	Partilhando vivências e experiências no Projeto Coletivo do NEI Orisvaldina Silva	Mariana Acórdi Goulart; Maristela Della Flora	Katia Agostinho	NEI Orisvaldina Silva	Projeto coletivo
2013 fev	7ª fase currículo 2009/1	O estágio: adentrando nos universos infantis, exercitando o nosso olhar e ensaindo-nos no papel de futuras professoras	Carolina Vierira nascimento; Mariana Lindner Dias	Katia Agostinho	NEI Orisvaldina Silva	G4 (3 e 4 anos)

Total: 143 relatórios encontrados, sendo 36 na faixa etária específica da pesquisa (0 à 2 anos)